

**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO**  
***ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO***

Maj Inf **ROGERIO ALEX AQUINO DE CASTRO**

**O emprego da Guerra Híbrida pela Rússia no conflito da Ucrânia e os desafios do Exército Brasileiro face à essa doutrina**



Rio de Janeiro

2018

Maj Inf ROGERIO **ALEX** AQUINO DE CASTRO

## **O emprego da Guerra Híbrida pela Rússia no conflito da Ucrânia e os desafios do Exército Brasileiro face à essa doutrina**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares.

Orientador: Ten Cel Art JOÃO RICARDO DA CUNHA **CROCE** LOPES

Rio de Janeiro  
2018

C355e Castro, Rogério Alex Aquino de

O emprego da Guerra Híbrida pela Rússia no conflito da Ucrânia e os desafios do Exército Brasileiro / Rogério Alex Aquino de Castro . Ó 2018.

60 f. : il. ; 30 cm

Orientação: João Ricardo da Cunha Croce Lopes

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares). - Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2018.

Bibliografia: f. 54 - 60.

1 . GUERRA HÍBRIDA. 2. UCRÂNIA. 3. RÚSSIA. 4. EXÉRCITO BRASILEIRO. I. Título.

CDD 355

Maj Inf ROGERIO **ALEX** AQUINO DE CASTRO

## **O emprego da Guerra Híbrida pela Rússia no conflito da Ucrânia e os desafios do Exército Brasileiro face à essa doutrina**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares.

Aprovado em 9 de novembro de 2018.

### COMISSÃO AVALIADORA

---

João Ricardo da Cunha Croce Lopes – Ten Cel – Presidente  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

---

César Jackson Silva Souza – Ten Cel – Membro  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

---

Ronaldo André Furtado – Ten Cel – Membro  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Aos meus filhos, Danilo e  
Juliana, minha fonte de  
amor incondicionais.

“Conceber a preparação para uma atividade, a guerra, que se exerce nos campos de batalha em meio ao imprevisível, ao perigo[...] por intermédio dessa outra atividade, o estudo, que viceja somente na calma, no método, na reflexão, no raciocínio e na razão.” (Col. Foch, 1906)

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, meu Senhor, por me dar saúde para poder executar essa tarefa.

Aos meus filhos Danilo e Juliana, que tiveram paciência durante as horas em que me dediquei a este trabalho.

A todos os amigos que de alguma forma contribuíram para a confecção deste trabalho.

Ao meu orientador TC Croce, pela disponibilidade e pelas observações seguras ao longo do desenvolvimento deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

## RESUMO

As últimas décadas têm trazido a debate as alterações no caráter da guerra. Este trabalho apresenta uma análise ao conceito daquilo que muitos teóricos designam como Guerra Híbrida. Sua concepção pode ser resumida como o emprego combinado e coordenado de forças regulares, irregulares, ações criminosas e operações de informação por um ente estatal ou não, com objetivos claramente definidos que exploram uma combinação de desafios, empregando todas as formas de guerra e táticas, mais frequentemente em simultâneo. Apesar de existirem, ao longo da história, vários exemplos de guerras que se enquadram nesta caracterização, iremos analisar com maior profundidade o pensamento e modelo de guerra híbrida conduzido pela Rússia na anexação da Crimeia e intervenção no leste da Ucrânia, em 2014. No atual ambiente de conflito, os cenários têm se destacado por sua não-linearidade, complexidade, mutabilidade e dinamismo. O possível emprego da Força Terrestre em conflitos na Era da Informação exigem uma atualização da doutrina do Exército Brasileiro (EB), a fim de preparar-se face a possibilidade de atuação nesse contexto, tudo com a finalidade de evidenciar os possíveis desafios impostos pelo conceito de Guerra Híbrida no âmbito das operações no amplo espectro para EB. Por fim, a pesquisa visa contribuir com o processo de transformação da Força, sem a ambição de esgotar o assunto.

Palavras-chave: Guerra Híbrida. Doutrina Militar Terrestre. Crise na Ucrânia.



## **ABSTRACT**

The last decades have brought into debate the changes in the character of the war. This paper presents an analysis of the concept of what many theorists designate as Hybrid Warfare. Its conception can be summed up as the combined and coordinated employment of regular, irregular forces, criminal acts and information operations by a state entity or not, with clearly defined objectives that exploit a combination of challenges, employing all forms of warfare and tactics, most often at the same time. Although there have been several examples of wars in this history, we will analyze in more depth the thinking and model of hybrid war conducted by Russia in the annexation of Crimea and intervention in eastern Ukraine in 2014. In the current environment, the scenarios have been highlighted by their non-linearity, complexity, mutability and dynamism. The possible use of the Land Force in conflicts in the Information Age requires an update of the doctrine of the Brazilian Army (EB), in order to prepare itself against the possibility of acting in this context, all with the purpose of highlighting the possible challenges imposed by the concept Hybrid Warfare within the scope of operations in the broad spectrum for EB. Finally, the research aims to contribute to the transformation process of the Force, without the ambition to exhaust the subject.

Keywords: Hybrid Warfare. Land Military Doctrine. Crisis in Ukraine.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Representação Gráfica do Conceito de Guerra Híbrida.....	19
Figura 02 - Metodologia para identificar um adversário híbrido emergente.....	21
Figura 03 - Multi-Domain Battle.....	24
Figura 04 - Valery Gerasimov para o emprego da Força Militar.....	25
Figura 05 - Abordagem de Gerasimov.....	27
Figura 06 - Gráfico extraído do artigo do Gen Gerasimov na publicação Voyenno- Promyshlennyy Kurier, 26 Fev 13.....	29
Figura 07 - Ucrânia.....	33
Figura 08 - Crimeia.....	34
Figura 09 - Linha do Tempo Operação Russa na Crimeia.....	35
Figura 10 - Praça Maidan.....	36
Figura 11 - “Little Green Men”.....	37
Figura 12 - Crise na Ucrânia – Zonas de retirada e cessar-fogo.....	39
Figura 13 - Linha do tempo Crise na Crimeia.....	40
Figura 14 - Espectro dos conflitos.....	43
Figura 15 - Dimensões do Ambiente Operacional.....	45
Figura 16 - Combinação de atitudes e tarefas (Ofs, Def, Pac e de Ap Org Gov)..	46

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1	PROBLEMA.....	12
1.2	OBJETIVOS.....	12
1.2.1	<b>Objetivo Geral</b> .....	12
1.2.2	<b>Objetivos Específicos</b> .....	12
1.3	VARIÁVEIS.....	13
1.4	DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	13
1.5	CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA.....	14
2	<b>METODOLOGIA</b> .....	14
2.1	TIPO DE PESQUISA.....	14
2.2	TÉCNICA DE PESQUISA.....	14
3	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	16
3.1	A TRANSFORMAÇÃO DA GUERA.....	16
4	<b>A GUERRA HÍBRIDA</b> .....	19
5	<b>O ARTIGO DO GENERAL GERASIMOV</b> .....	26
6	<b>A UCRÂNIA</b> .....	34
6.1	A CRISE DA CRIMEIA.....	35
6.2	A GUERRA CIVIL NO LESTE A UCRÂNIA.....	39
7	<b>CONCLUSÃO PARCIAL</b> .....	41
8	<b>CONCEITO OPERATIVO DO EXÉRCITO BRASILEIRO</b> .....	42
9	<b>CONCLUSÃO</b> .....	49
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	52



## 1. INTRODUÇÃO

“Se existe postura mais perigosa, que pressupor que uma futura guerra será exatamente como a anterior, é imaginar que ela será tão diferente que se possa ignorar as lições extraídas dessa última” (SLESSOR, 1936)

Acompanhando as tendências mundiais, diversos estudiosos debatem sobre os conceitos que envolvem as guerras contemporâneas. Diferentes são os termos para explicar as novas guerras deste século, como a guerra de quarta geração (LIND, 1989), guerra irrestrita (LIANG; XIANGSUI, 1999), guerra no meio do povo (SMITH, 2005), guerra complexa (HUBER, 2002).

Apesar das controvérsias, o conceito mais utilizado atualmente é aquele que Mattis e Hoffman (2005) definiram como uma nova forma de combater: a Guerra Híbrida. Em seu artigo publicado em 2005, *Future Warfare: The rise of Hybrid Wars*, os autores alertavam que a superioridade dos Estados Unidos criaria uma lógica que estimularia os outros atores estatais e não estatais a buscar uma capacidade ou algum tipo de combinação de tecnologias e táticas para obtenção de vantagens sobre o oponente, abandonando o modo tradicional de fazer guerra. (LEAL, 2016)

Durante as ações na Crimeia, a Rússia apresentou uma nova capacidade de combater, empregando simultaneamente um vasto espectro de táticas, técnicas e procedimentos no campo de batalha, interligando o conceito de Guerra Híbrida com o pensamento militar Russo.

Publicado em fevereiro de 2013, o artigo *O valor da ciência está na previsão: os novos desafios exigem que repensemos as formas e métodos de realizar as operações de combate (tradução nossa)*, do general russo Valery Gerasimov, Chefe do Estado Maior da Rússia, também conhecido por Doutrina Gerasimov, foi considerado como a nova orientação das forças militares russas para o emprego da Guerra Híbrida, tornando-se a nova arte da guerra russa.

Outros autores acreditam que Gerasimov estava apenas explicando o seu ponto de vista do ambiente operacional e da natureza do futuro da guerra, e não propondo uma nova maneira de russa de fazer guerra ou nova doutrina militar. (BARTLES, 2016). Conforme destacado por RÁCZ (2015) pensadores militares

russos têm produzido vasta bibliografia sobre o tema, embora com outras denominações (Guerra de Nova Geração). (LEAL,2016)

A estratégia de Guerra Híbrida pode ser melhor aplicada pela Rússia nos países ex-integrantes da União das Republicas Socialistas Soviéticas, a fim de reconquistar esses territórios, especialmente pelos seguintes fatores: conhecimento do local, presença de minorias étnicas russas na região, divergências internas nos países, onde a Rússia aplica a teoria de “dividir para conquistar” e a complexidade da região, que proporciona grande vantagem para a Rússia por conhecer as realidades da região melhor que qualquer outro país. (LANOSZKA, 2016).

Assim este trabalho visa ressaltar a importância do emprego da Guerra Híbrida na Ucrânia pela Rússia, destacando sua significância para os resultados neste conflito.

## 1.1 PROBLEMA DA PESQUISA

A Guerra Híbrida apresenta novas características para o combate moderno. Dessa forma, o Exército Brasileiro deve conhecer essa doutrina e adaptar-se, a fim de possuir capacidade de responder a essa recente ameaça.

Diante deste cenário, essa pesquisa identificou o seguinte problema:

Quais foram as principais características do emprego da Guerra Híbrida pela Rússia no conflito da Ucrânia e quais são os desafios impostos para o Exército Brasileiro por essa doutrina, tendo em vista suas possibilidades de atuação?

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

A partir desse quadro apresentado, esta pesquisa tem como objetivo geral apresentar o conflito da Ucrânia identificando as principais características da Guerra Híbrida Russa, a fim de ampliar o conhecimento do EB sobre o assunto, e identificar possíveis limitações da Doutrina Militar Brasileira face a essa modalidade de guerra.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

A fim de viabilizar a consecução do objetivo geral deste trabalho foram

formulados objetivos específicos a serem atingidos, que permitiram o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo, os quais são elencados a seguir:

- a) Apresentar os principais aspectos da Guerra Híbrida e da doutrina Russa;
- b) Apresentar pontos relevantes da Guerra da Ucrânia e a atuação russa nesse conflito;
- c) Apresentar os fundamentos e a forma de emprego do Exército Brasileiro.

### 1.3 VARIÁVEIS

No que concerne ao tema “O emprego da Guerra Híbrida pela Rússia no conflito da Ucrânia e os desafios do Exército Brasileiro face a essa doutrina” sinteticamente, as circunstâncias passíveis de medição e que poderão influenciar a pesquisa foram as seguintes:

Variável Dependente	Variável Independente	Variáveis intervenientes
Ameaças híbridas para o Exército Brasileiro	- Doutrina Militar Russa - Doutrina Militar do Brasil	- Conflito da Ucrânia

Quadro 1 – Definição conceitual das variáveis

Fonte: o autor.

### 1.4 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Quando da abordagem do conflito da Ucrânia, buscou-se apresentar suas causas, atores envolvidos e principalmente a forma como foi empregada pela Rússia o conceito da Guerra Híbrida explorando os fatos e lições aprendidas.

Em relação à Guerra Híbrida e o seu contexto, não há a pretensão dessa pesquisa ter um papel definidor no que concerne ao tema em questão. O trabalho será calcado na doutrina existente, baseando-se na nova série de Manuais de Campanha do Ministério da Defesa e Exército Brasileiro, além de artigos e dissertações de autores nacionais e internacionais, com comprovado valor científico, atendo-se a um conflito relevante, considerado didático quando o assunto é Guerra Híbrida, que é o Conflito da Ucrânia.

No estudo do conceito operativo do Exército Brasileiro (EB), a intenção foi

verificar as principais possibilidades e os maiores desafios a serem enfrentados pelo EB, face a conflitos em que sejam empregada a doutrina de Guerra Híbrida.

## 1.5 CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa pretende contribuir para um melhor entendimento da complexa e flexível forma de combater, que é a guerra híbrida, empregada especialmente pela Rússia na Ucrânia, a fim de contribuir para o aumento do conhecimento sobre o assunto, além de ampliar o interesse e novas pesquisas sobre o tema em questão.

Desde a primeira alusão feita por Nemeth à guerra híbrida, esse assunto é pouco conhecido. Tendo em vista a crescente relevância que o tema tem assumido no âmbito internacional, devido ao seu alegado emprego no conflito ucraniano, ele merece ser estudado, a fim de identificar sua possível evolução, e, dessa forma, identificar seus reflexos para a doutrina brasileira. (LEAL, 2016)

Segundo LEAL, em 2013 o Chefe do Centro de Doutrina do Exército Brasileiro, General Araújo, publicou artigo sobre as operações de amplo espectro, comentando sobre a relevância que os estudiosos da guerra têm dado ao “ambiente híbrido de ameaças”, acrescentando que, nesse contexto, são estabelecidos conceitos como o de guerra híbrida, dentre outros (DE ARAÚJO, 2013, apud LEAL, 2015) e que apesar de citar essa expressão, o autor não tece outras considerações específicas sobre o assunto que delineiam seu conceito.

## 2. METODOLOGIA

### 2.1 TIPO DE PESQUISA

Quanto à perspectiva metodológica, o estudo foi predominantemente qualitativo. Segundo Gerhardt (2009, p. 32), as pesquisas qualitativas preocupam-se com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Quanto ao objetivo geral, o tipo da pesquisa foi o exploratório, pois será pautado pela busca de referenciais sobre o assunto em pauta e aquisição de conhecimentos para o planejamento do trabalho (NEVES, DOMINGUES, 2007).



## 2.2 TECNICA DE PESQUISA

A técnica de pesquisa utilizada foi o estudo bibliográfico, pois teve a sua fundamentação teórico-metodológica na investigação sobre os conflitos ocorridos entre Rússia e Ucrânia, na doutrina da Guerra Híbrida e o conceito operativo do Exército Brasileiro, expostos em periódicos, livros, revistas, artigos de caráter ostensivo e no arcabouço acadêmico existente na rede mundial de computadores (internet).

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, baseada na investigação sobre o conceito de Guerra Híbrida, o conceito operativo do Exército Brasileiro na literatura existente no Ministério da Defesa; em manuais estrangeiros; na biblioteca da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME); em publicações periódicas de assuntos militares e de defesa nacionais e internacionais disponível em livros, revistas especializadas, jornais, artigos, internet, teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso e outras publicações sobre o assunto pesquisado.

Quanto à natureza, a pesquisa foi aplicada, pois segundo Gerhardt (2009, p.35), objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática. O estudo pretende contribuir para a elucidação do termo em questão.

Dessa forma buscou-se levantar os principais aspectos referentes ao tema, a fim de responder as questões levantadas para o trabalho.

Por fim, todos os dados levantados foram compilados, permitiram acrescentar novas ideias ao tema, abordando a questão sob uma visão atual de emprego da Guerra Híbrida obtendo, assim, resultados significativos, enriquecendo a discussão sobre o assunto.

## 3. REFERENCIAL TEÓRICO

### 3.1 A transformação da guerra

Os conflitos na história da humanidade apresentam uma constante evolução na forma de se fazer a guerra. Segundo Gapo, 2011:

As origens dos conflitos na sociedade humana são quase tão remotas como a origem da nossa espécie. A própria evolução da sociedade, quando relatada historicamente, está normalmente relacionada com as batalhas, conquistas ou ocupações dos diversos povos, tribos ou civilizações.

Apesar da sua antiguidade se reportar a muitos milhares de anos, espelhada muitas vezes na literatura e na arte, o fenômeno da guerra só começou a ser estudado, e devidamente enquadrado nas teorias da guerra e das relações internacionais, a partir de meados do Séc. XIX. (GAPO, 2011)

A chamada Paz de Vestfália em 1648, serviu de referência para caracterizar as guerras como conflitos entre Estados soberanos, que tiveram a sua origem nestes acordos.

A partir deste acontecimento histórico, existem diferentes abordagens quanto à forma como a guerra evoluiu ao longo dos tempos, que culminam com a sua descrição e caracterização na atualidade. Alguns teóricos e pensadores militares internacionais, como William Lind, John Schmitt, e T. Hammes, dividem a evolução dos conflitos armados, a partir do século XVIII, em períodos distintos que, podem assim ser divididos em quatro gerações (PINHEIRO, 2010, p. 67).

A primeira geração da guerra, correspondeu ao período que vai desde a Paz de Vestfália até meio do Séc. XIX. A Europa, passou dos feudos para um conjunto de Estados-Nação, e em termos militares dos cavaleiros feudais para os exércitos à imagem de Napoleão. Do ponto de vista técnico, a produção em massa de peças de artilharia e de mosquetes com alguma precisão, permitiu a concepção de táticas lineares, tipicamente ofensivas, mas com reduzida mobilidade estratégica. A tática desenvolvida priorizava o esforço principal na concentração de massa de combate no local e momentos decisivos da batalha. (BARROSO, 2007, p. 17).

Deste modo, este tipo de guerra era caracterizado pela guerra da linha e da coluna, com guerras formais, com o campo de batalha ordenado e uma cultura militar de ordem. Os militares eram perfeitamente distinguidos dos civis através do uso de uniformes, graus hierárquicos e disciplina militar, bem como na forte vontade de combater, ao contrário dos seus antecessores. Terminaram com o culminar das campanhas napoleônicas. (LIND, 2005, p. 12).

Com o aumento dos efetivos militares, associado a um aumento significativo da população, estavam criadas as condições para o surgimento das Guerras de

Segunda Geração (G2G). O crescimento das trocas comerciais e do Produto Interno Bruto (PIB) permitiram também o incremento da capacidade de prestar apoio logístico à exércitos de grandes dimensões (BARROSO, 2007, p.17).

Por outro lado, e segundo outros autores, as G2G surgiram como uma “*resposta à contradição entre a cultura da ordem e o ambiente militar*”, procurando uma solução no fogo concentrado, na sua maioria através do tiro indireto da artilharia, onde o objetivo principal era o atrito entre os contendores. (LIND, 2005, p.12).

As G2G foram caracterizadas por grandes exércitos com capacidade de projeção estratégica considerável, com um aumento do poder de fogo, e com menor capacidade de manobra. A defensiva ganhou mais importância que a ofensiva, como por exemplo, na Primeira Guerra Mundial (I GM) (BARROSO, 2007, p.17).

As Guerras de 3ª Geração são normalmente associadas à guerra da manobra desenvolvida, inicialmente, pelo Exército Alemão, e que foi denominada como “*blitzkrieg*” (guerra relâmpago, tradução nossa). Baseava-se na velocidade, na surpresa e no deslocamento, tanto mental como físico, onde mais uma vez a ofensiva ganhava novamente importância face à defensiva (LIND, 2005, p.13).

O emprego de aeronaves permitiu um apoio de fogos contínuo às operações, e o desenvolvimento de aparelhos de comunicação via rádio possibilitou um melhor Comando e Controle (C2) às forças com maior mobilidade, como é o caso dos blindados. Deu-se início à guerra mecanizada. (BARROSO, 2007, p. 18).

Na Guerra de 3ª Geração (G3G), os estrategistas militares abandonaram as posições estáticas e desenvolveram estratégias mais dinâmicas e coordenadas. Os exércitos passaram a priorizar a Guerra de Manobra, utilizando-se do fogo e movimento como forma de posicionar o inimigo em uma situação desvantajosa e assim derrotá-lo no campo de batalha. (PINHO, 2016, p. 71).

Apesar das G3G terem atingido o seu expoente máximo na IIGM, e de não ser a geração da guerra predominante na atualidade, continuam a executar-se operações militares de acordo com os seus princípios, como aconteceu na fase inicial da Guerra do Golfo em 2003. (GAPO, 2011)

Existe um paradoxo relativo às características na Guerra de 4ª Geração (G4G). Se, por um lado, se apresentam como aquelas que possuem uma mudança mais significativa relativamente à geração anterior, por outro, são também as que contêm

uma mistura mais elevada das outras gerações da guerra. Existe mesmo quem defenda que este tipo de geração da guerra não existe, uma vez que coexiste sob a forma das gerações anteriores (LIND, 2005, p. 13).

O essencial no conflito das G4G, é que o Estado perde o monopólio da guerra, e as forças militares deixam de se defrontar mutuamente, passando os Estados a combater atores não-estatais. Nelas estão presentes fenômenos como o terrorismo, a estratégia assimétrica, a guerra de baixa intensidade, a guerrilha ou a insurreição (PINTO, 2006, p. 15). Segundo Hammes (*apud* BARROSO, 2007, p. 18), estas guerras evoluíram como consequência da transformação da sociedade, e como resultado da aplicação prática de pormenores do nosso quotidiano aos problemas táticos.

É nesse ambiente complexo e altamente volátil que se caracteriza o amplo espectro, em que o ciberespaço é amplamente utilizado, as ameaças tornam-se ainda mais difusas e os conflitos se ampliam, com novos atores e novas possibilidades de combater. Segundo Hoffman (2009), esse ambiente proporciona excelentes condições para o surgimento de um novo paradigma, o qual definiu como uma nova forma de combater: a Guerra Híbrida.

#### **4. A GUERRA HÍBRIDA**

O mundo vem enfrentando cada vez mais um maior número de desafios, incluindo ameaças tradicionais, irregulares, e terroristas. Isso criou um dilema para os atuais planejadores militares, exigindo uma escolha entre a preparação para conflitos entre estados com capacidades convencionais ou o cenário mais provável, de atores não estatais empregando táticas assimétricas ou irregulares. No entanto, estes podem não ser mais ameaças separadas ou modos de guerra diferentes. Vários estrategistas identificaram um aumento na fusão ou indefinição de conflitos e formas de guerra. (HOFFMAN, 2007).

A expressão guerra híbrida foi utilizada pela primeira vez em 2002, quando William J. Nemeth usou-a para referir-se as táticas dos grupos guerrilheiros da Chechênia contra a Rússia, durante a Segunda Guerra da Chechênia. Porém, a base teórica das ameaças híbridas foram traçadas por Mattis y Hoffman em seu

artigo *Conflict in 21<sup>st</sup> Century* (Conflito no século 21, tradução nossa), publicado em 2007. Nesse artigo, o autor caracteriza a Guerra Híbrida pelo emprego simultâneo de guerra convencional, não-convencional, regular e irregular, linear e não linear, métodos secretos e abertos travar guerra por autores estatais e não estatais.

Hoffman (2009) assim define:

“A ameaça híbrida incorpora uma vasta gama de modelos de guerra, incluindo capacidades convencionais, táticas e formações irregulares, atos terroristas que incluem o uso indiscriminado da coerção e violência e a desordem criminal. Essas atividades multimodais podem ser conduzidas por unidades separadas ou pela mesma unidade, mas são geralmente, operacional e taticamente, dirigidas e coordenadas dentro do principal espaço de batalha para alcançar efeitos sinérgicos nas dimensões físicas e psicológicas do conflito.(p. 36).

Este tipo de guerra, mistura a letalidade de conflitos estatais com o fanático e prolongado fervor da guerra irregular. Em ambos os conflitos, os adversários do futuro explorarão modernas capacidades militares, bem como promoverão insurgências prolongadas. Isso poderia incluir estados misturando capacidades de alta tecnologia, com terrorismo e guerra cibernética direcionada contra metas financeiras, ou seja, os desafios híbridos não se limitam a atores não-estatais. Os Estados podem mudar suas unidades convencionais para formações irregulares e adotar novas táticas (HOFFMAN, 2009).

Ainda, no tocante aos atores da Guerra Híbrida:

Um ator da Guerra Híbrida se caracteriza por um comando e controle descentralizado; por executar atividades militares e não-militares distribuídas, por combinar ações tradicionais, irregulares, terroristas e métodos criminais perturbadores; por explorar as condições dos ambientes operacionais complexos; e por operar com a intenção de sacrificar o tempo e o espaço, a fim de chegar a uma decisão por desgaste (FLEMING, 2011, p.36).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, a Guerra Híbrida tem no campo tático os seguintes aspectos: a capacidade de sobrevivência das forças; a disponibilidade de armas leves de fácil transporte e acondicionamento; o uso de armas e métodos de operações que podem levar a um número elevado de baixas entre combatentes e civis, exemplo dos dispositivos explosivos improvisados; o uso generalizado dos meios e esforços de propaganda tanto para a população local, como para o adversário e a Comunidade Internacional (VALENSI; BRUN, 2010, apud GUINDO; MARTÍNEZ e GONZÁLES, 2015).

Figura 1



Representação gráfica do Conceito de Guerra Híbrida  
Fonte: Relatório da Conferencia de Segurança de Munique

Para Fleming (2011), atores que empregam a Guerra Híbrida, primeiro determinam os seus objetivos estratégicos em termos militares e políticos e, em seguida, estabelecem uma campanha militar no nível operacional para atingir esses objetivos.

O oponente principal de Hoffman é Thomas Huber, que argumenta que a guerra híbrida não é nada de novo: "Huber sustenta que o conceito híbrido de Hoffman da fusão de métodos e os modos de guerra são interessantes e úteis, mas a dinâmica que ele descreve não é historicamente nova e é simplesmente uma insurgência "(Huber, 2009, apud Fleming, 2011, p 15).

Segundo Bowers (2012), é preciso ter cautela ao simplesmente definir um adversário híbrido como qualquer entidade que se engaje em diferentes formas de combate, porque tal definição pode incluir quase todo tipo de organização, desde gangues como a MS-13<sup>1</sup> à Wehrmacht alemã no Terceiro Reich. Se todos são híbridos, então ninguém é. A verdadeira combinação híbrida de capacidades militares avançadas e maturidade organizacional não é, normalmente, algo comum entre os grupos armados ao redor do mundo nem algo que possa ser facilmente obtido. Em consequência, é importante saber se podemos prever como e quando um

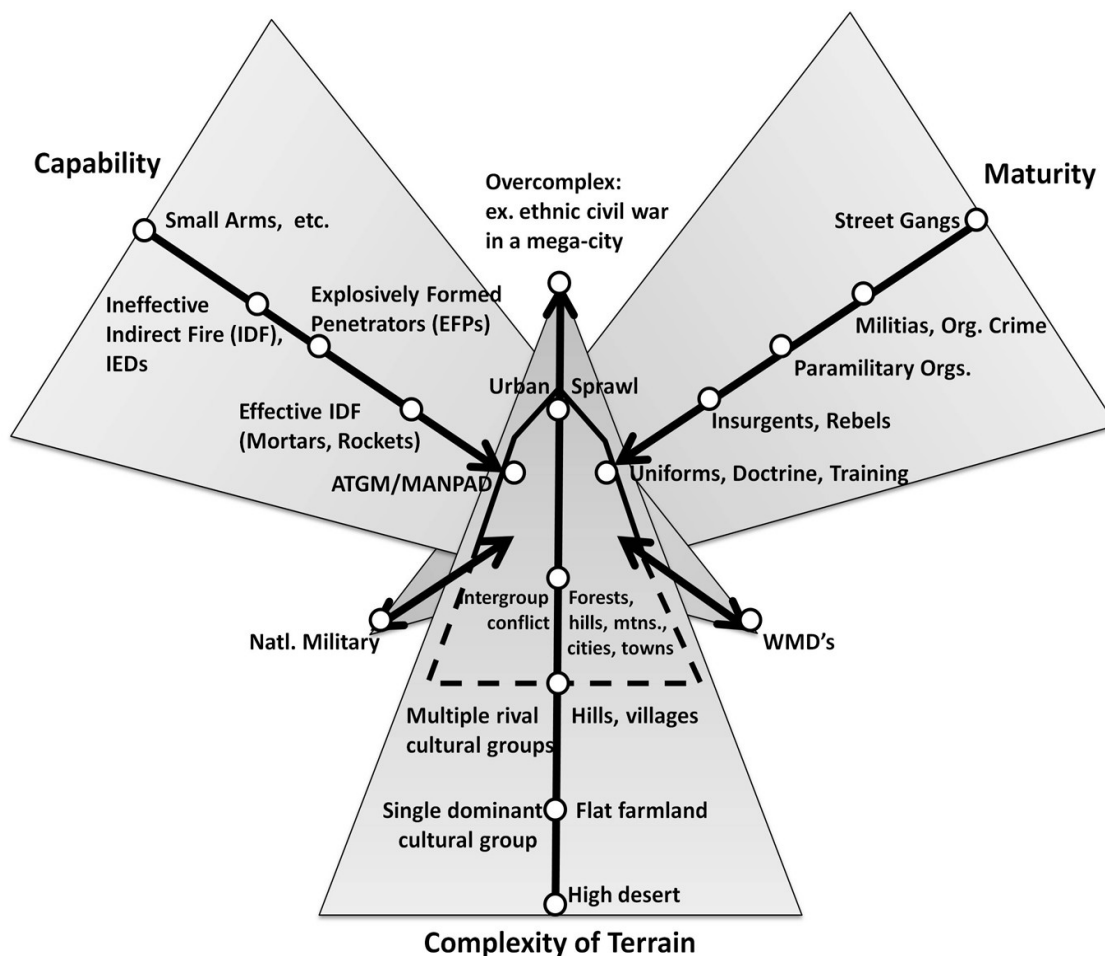
<sup>1</sup>Mara Salvatrucha ou MS-13 é uma gangue formada principalmente por salvadorenhos que actua nos Estados Unidos e na América Central. Existem indícios de que tenha ramificações também no Canadá e na Espanha

grupo armado se transforma em um adversário híbrido plenamente desenvolvido. Um adversário híbrido plenamente desenvolvido será capaz de passar, quando quiser, da guerra irregular ou de guerrilha para um combate extremamente convencional em formações valor companhia ou acima.

Ainda de acordo com Bowers, a figura 2 descreve a sobreposição de três variáveis (capacidade, maturidade e complexidade do terreno) que se conjugam para gerar um adversário híbrido. As três variáveis possuem um caminho a percorrer que vai do estágio mais rudimentar ao mais desenvolvido. Segundo a metodologia, os adversários híbridos são particularmente fortes no ponto de interseção entre as três variáveis, delineado, na figura 02, pela linha preta. Caso uma ou mais variáveis de um dado grupo fiquem aquém, ou acabem indo além, do “ponto ideal” de interseção, ele não estará apto a apresentar uma capacidade de ameaça híbrida plenamente desenvolvida. O movimento ao longo do espectro ocorre em ambos os sentidos. Ressalta-se que é inteiramente possível que, no espectro de maturidade, um grupo passe de Força Armada estatal para ameaça híbrida, o que pode aumentar sua efetividade operacional e tática, pelo menos temporariamente

Da análise do ponto de interseção entre as variáveis de maturidade, capacidade e complexidade do terreno existe a possibilidade de se avaliar o potencial de uma organização específica para se transformar em uma verdadeira ameaça híbrida e, em seguida, implementar medidas para minar o amadurecimento de tal grupo e cessar seu acúmulo de capacidades. Como exemplo, a complexidade do terreno, que apesar de ser uma variável mais difícil de afetar, talvez seja possível, em alguns casos, influenciá-la em relação ao terreno humano. Logo, a metodologia viabiliza identificar as circunstâncias exatas que permitiriam tal transformação e como apoiá-la ou impedi-la conforme a estratégia exigir (BOWERS, 2014).

Figura 02



Metodologia para identificar um adversário híbrido emergente.

Fonte: Bowers (2014, p.24).

A Guerra Híbrida pode ser descrita como um termo moderno para uma prática antiga, que avultou sua importância nos séculos recentes, com uma combinação de forças regulares e irregulares para ameaçar um inimigo (BOOT, 2015).

Alguns estudiosos acreditam que a guerra híbrida não é um fenômeno inédito e nem pode ser exclusivamente atribuído as ações russas na Crimeia e na Ucrânia. O começo do século XXI foi marcado por uma proliferação de guerras entre adversários engajados conflitos assimétricos usando várias formas de guerra de acordo com seu propósito. (JOSAN E VOICU, 2015 p. 49).

Na perspectiva do Relatório da Conferência de Segurança de Munique (2015), a guerra híbrida emprega uma ampla gama de ferramentas. Nesse sentido, o documento a considera como uma “combinação de múltiplas ferramentas de guerra



convencional e não convencional”, explicando que se trata da “combinação de ações de forças regulares, forças especiais, forças irregulares, apoio a manifestações locais, guerra de informação, diplomacia, ataques cibernéticos e guerra econômica”.

Conforme afirma o pesquisador David Johnson, da RAND Corporation, um verdadeiro adversário híbrido será capaz de enfrentar, efetivamente, Forças militares oponentes a distância e obrigá-las a combater através de uma área de engajamento vasta para chegar ao combate aproximado. Além disso, empregará uma ampla gama de capacidades, incluindo a cibernética, mídias sociais, comunicações seguras, redes criminosas transnacionais e tecnologias avançadas, como os Sistemas de Armas Remotamente Pilotadas (SARP).

A OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) tem estudado o tema, conforme declarações do General Breedlove, então Comandante Supremo Aliado da Organização. (LEAL, 2016). Para BREEDLOVE (2015), esse conceito consiste na combinação do emprego de forças especiais com a guerra cibernética, operações de informação e operações de dissimulação que, segundo ele, os russos usaram para tomar a Crimeia e apoiar os separatistas do Leste da Ucrânia.

Guerra, ameaça e agressão Híbrida, são conceitos usados para descrever uma complexa e adaptada integração de amplo-espectro sem precedentes de fazer guerra no século 21 (ABOTT, 2016, p. 4). No contexto da anexação da Crimeia, os debates sobre a definição do conceito de “Guerra Híbrida” e mais precisamente o entendimento de que isso é uma nova forma russa de fazer guerra se avultaram. Por isso, se torna necessário definir o significado e ter um olhar mais aprofundado nesse assunto. (RUSNÁKOVÁ, 2017).

No entanto, a principal disputa entre os estudiosos reside na controvérsia sobre a novidade do conceito de guerra híbrida. Assim como há proponentes que defendem que a guerra híbrida é um fenômeno único e distinto, que exige ser examinado individualmente como um método de guerra, os críticos argumentam que não há nada de novo sobre o conceito de guerra híbrida. (RUSKÁNOVÁ, p. 347, 2017).

Nos Estados Unidos da América (EUA), o pensamento militar a respeito da Guerra Híbrida é muito controverso. Apesar de o Departamento de Defesa dos EUA não reconhecer oficialmente o termo Guerra Híbrida, utiliza o conceito híbrido em

seus documentos de planejamento estratégico para descrever a crescente complexidade dos conflitos.

Em 2015, em palestra proferida no Center for Strategic and International (Centro para Estratégias Internacionais, tradução nossa), em Washington - EUA, Phillip Karber, durante o Fórum Militar Russo, apresentou o tema “Guerra Híbrida Russa: Implicações para a Ucrânia e além”. Nesse fórum, o autor analisou a participação russa nos eventos da crise ucraniana e caracterizou a atuação daquele país, segundo seu entendimento, da seguinte forma:

- Uma primeira fase, com o objetivo de criar, de forma simultânea, instabilidade em diversas cidades dentro do território ucraniano, insuflando o conflito entre os pró-Rússia e os demais, dividindo a nação em duas vertentes bem definidas. Nesse sentido, a construção da narrativa da autodeterminação do povo do leste ucraniano – onde 70% da população se define como russa – contribuía para essa instabilidade.

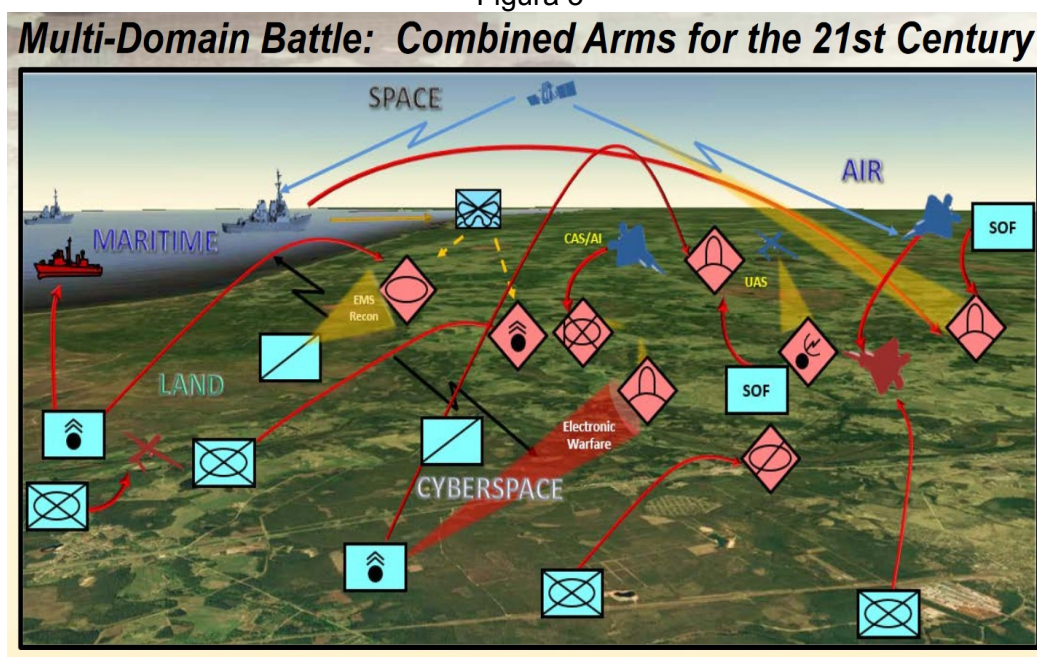
- Em uma segunda fase, a atuação da Guerrilha, o emprego de elementos infiltrados, o uso de mercenários, a atuação de grupos criminosos locais, a pressão econômica, o uso da diplomacia para pausas nas operações e de outras estratégias, buscaram arruinar a economia e destruir a infraestrutura local, causando o colapso do Estado e comprometendo seu processo decisório.

- Na terceira fase, penetrar na região com maciço apoio de forma a emergir como solução ao caos, substituindo o poder local com seus simpatizantes. Nesse sentido, a atuação de forças russas como de “manutenção da paz” e comboios humanitários russos ratificam essa postura. No campo tático, a Rússia empregou Forças Especiais e tropas regulares denominadas Grupo Tático de Batalhão, integrado por tropas de artilharia, tropas mecanizadas e tropas blindadas, que evidenciavam a combinação de armas em um nível abaixo da Brigada. Todas descaracterizadas como forças russas. Além disso, as operações regulares da guerrilha separatista pró-Rússia contra as tropas ucranianas, como na Batalha de Debaltseve, trouxeram à OTAN uma nova realidade: a Europa não estava preparada para uma guerra com características convencionais, perdendo essa capacidade durante o período em que buscou a redução de suas forças blindadas pesadas e seu adestramento priorizou o combate de contrainsurgência. (KARBER, 2015)

Verifica-se que a Estratégia Nacional Militar norte-americana (EUA, 2015a) discorre sobre o assunto explicitamente. Segundo esse documento, os conflitos híbridos podem consistir em ações de forças militares que assumem uma identidade não-estatal, ou envolvem capacidades combinadas das organizações extremistas violentas. A citada Estratégia esclarece que o conflito híbrido mistura forças convencionais e irregulares para criar ambiguidade, manter a iniciativa e paralisar o adversário, dificultando o processo de tomada de decisão e reduzindo a velocidade de coordenação de respostas efetivas, podendo incluir o uso de forças militares tradicionais ou sistemas assimétricos.

De acordo com o recente conceito americano de *Multi-Domain Battle: The Evolution of Combined Arms for the 21st Century* (Batalha de Multi-Domínio: A Evolução das Armas combinadas para o século XXI, tradução nossa), as forças terrestres dos EUA, como parte de uma Força Conjunta, terão que operar com sucesso em todos os domínios - espacial, ciberespaço, aéreo, terrestre e marítimo, contra adversários equivalentes no horizonte de 2025-2040. Esse é um conceito operacional com implicações estratégicas e táticas. Ele se concentra deliberadamente em adversários cada vez mais capazes, que desafiam a dissuasão e representam um risco estratégico para os interesses dos EUA.

Figura 3



Multi-Domain Battle  
Fonte: Military Review 2017

## 5. O ARTIGO DO GENERAL GERASIMOV

Embora não exista uma doutrina russa para a guerra híbrida, este termo passou a ser amplamente utilizado pela mídia e por estrategistas, incluindo a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), e tornou-se numa nova tendência e pensamento militar para o modo russo de conduzir a guerra. Em seu artigo, o Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Federação Russa, General Valery Gerasimov, em fevereiro de 2013, sobre o pensamento militar russo, descreveu como os conflitos armados adotaram novos métodos, deixando de fazer sentido o paradigma geopolítico convencional e onde revela a visão da Rússia sobre as novas estratégias de guerra moderna, designada de “guerra não-linear”. Gerasimov argumentou ainda que as “regras da guerra mudaram, e que os métodos do conflito envolvem o uso alargado de todos os instrumentos de poder ao dispor de um Estado, uma ampla variedade de capacidades e de meios não militares para atingir os objetivos” (KASAPOGLU, 2015, p. 3).



Figura 4: Valery Gerasimov  
Fonte: Military Review (2016)

Em 26 Fev 13, o Chefe do Estado-Maior Geral das Forças Armadas da Rússia, General Valery Gerasimov, publicou “O Valor da Ciência está na Previsão: Novos Desafios Exigem Repensar as Formas e Métodos de Conduzir as Operações de Combate” no jornal *Voyenno-Promyshlennyy Kurier* (VPK). Nesse artigo, Gerasimov

descreve sua perspectiva — e a visão predominante nos círculos de defesa russos — sobre o passado recente, o presente e o futuro previsto da guerra. (BARTLES, 2016, P.46)

Devido a esse artigo de 2013, o pensamento doutrinário por trás da atual condução das operações russas foi atribuído aos escritos do General Gerasimov. Nele, muitas vezes se afirmava que “as regras de guerra mudaram radicalmente”, e que a eficácia de “ferramentas não-militares” para alcançar objetivos estratégicos ou políticos em um conflito ultrapassou a das armas. Existe também referências a esse conceito na Doutrina Militar Russa publicado em 2014, no entanto, os conflitos não-lineares ou não-convencionais, como são entendidos em Moscou, é simplesmente uma tentativa da Rússia de alcançar conceitualmente as realidades da guerra moderna com a qual o Estados Unidos tem lutado por mais de uma década no Iraque, Afeganistão e em outros lugares. Ao rotular a resposta russa a essas realidades amplas como um novo e tipo especial de "guerra híbrida", o Ocidente tem incorretamente elevado as operações específicas da Rússia na Ucrânia para o nível de uma doutrina coerente ou preconcebida. (KOFMAN, 2015, p.3, tradução nossa))

De acordo com Rácz, 2015, Gerasimov prevê o uso dissolvido e não aberto da força, como unidades insurgentes paramilitares e civis, e enfatiza a necessidade confiar em métodos assimétricos e indiretos. Ele insiste que, além da realidade física, a guerra deve incluir também o espaço de informação, onde a coordenação em tempo real dos meios e ferramentas utilizados é possível. Ele coloca grande ênfase em ataques direcionados bem conduzidos atrás das linhas inimigas e na destruição da infra-estrutura crítica do inimigo, tanto em relação aos seus elementos militares como civis, de preferência em um curto período de tempo. Gerasimov defende o uso maciço de forças especiais e também de armas robóticas, como os drones. Argumenta, ainda, que as forças regulares devem ser postas em prática apenas no final das fases do conflito, muitas vezes sob o disfarce do Forças de Manutenção de Paz ou forças de gestão de crises.

Na primeira parte do artigo do General Gerasimov, é especialmente destacada a Primavera Árabe, abordada como uma fonte de conhecimento para as elites militares russas, sendo as lições aprendidas um guia sobre o que esperar das operações militares do século XXI e também como conduzi-las. (RUSKÁNOVÁ, p.

351, 2017).

Conforme COALSON, (2014) o que Gerasimov aborda em seguida é a multidimensionalidade e a subversão, tendo o foco dos métodos aplicados aos conflitos terem sido alterados na direção do amplo uso de medidas políticas, econômicas, informacionais humanas e outras não-militares, aplicadas em coordenação com o potencial de protesto da população. Por isso ele reconheceu que a guerra moderna exige estratificação de várias ameaças, guerra total e o importante papel desempenhado na desestabilização da ordem interna do inimigo, a coesão de suas instituições essenciais e, portanto, sua derrota de dentro para fora.

Durante uma palestra apresentada por Gerasimov na Terceira Conferência de Moscou sobre Segurança Internacional, realizada pelo Ministério da Defesa da Rússia, o general apresentou um quadro da abordagem adaptável para o emprego de uma Força Militar, no qual ele explica o que seria o conceito da Guerra Não Convencional na visão russa dentro do contexto dos conflitos contemporâneos. Como pode ser observado no quadro abaixo:

Figura 5



Abordagem de Gerasimov para o emprego da Força Militar

Fonte: BARTLES (2016, p.49)

Outra característica de guerra híbrida que pode ser encontrado no artigo é a indefinição de emprego dos meios convencionais e não convencionais: “Tudo isso é complementado por meios militares de caráter dissimulado, incluindo a realização de ações de conflito informacional e ações de forças de operações especiais” (Gerasimov 2013, citado por COALSON, 2014)<sup>2</sup>. Isso significa que ainda há necessidade de se empregar capacidades militares convencionais, mas o escopo de seu desdobramento é mais limitado do que antes e suplementado por meios não convencionais, com ênfase especial em informações sigilosas e elementos de inteligência, que estão começando a assumir papel de destaque na guerra: “O espaço da informação abre amplas possibilidades assimétricas para reduzir o potencial de combate do inimigo... É necessário aperfeiçoar as atividades no espaço da informação, incluindo a defesa do nosso próprio objetivo ”(GERASIMOV, 2013).

Um dos aspectos mais interessantes do artigo de Gerasimov é sua perspectiva sobre a relação entre medidas não militares e militares na guerra. A utilização de todos os meios do poder nacional para alcançar os fins do Estado não é algo novo para a Rússia, mas, agora, suas Forças Armadas vêem a guerra como algo muito além de um conflito militar. Como o gráfico extraído do artigo de Gerasimov ilustra (figura 6) a guerra é conduzida hoje, com uma proporção aproximada de quatro medidas não militares para uma medida militar. Essas medidas não militares incluem sanções econômicas, suspensão de relações diplomáticas e pressão política e diplomática. O ponto crucial é que, enquanto o Ocidente considera essas medidas não militares como formas de evitar a guerra, a Rússia as considera como guerra. (BARTLES, 2016)

Gerasimov avança apontando a sinergia reforçada dos níveis de ações militares: “A derrota do inimigo é conduzida em toda a profundidade de seu território. As diferenças entre os níveis estratégico, operacional e tático, bem como entre operações ofensivas e defensivas, estão sendo eliminadas”. Isso eventualmente leva à interseção de forças, que operam como forças únicas em um único campo de batalha: “O papel dos grupos de forças móveis, de tipo misto, atuando em um único espaço informacional e de inteligência devido ao uso das novas possibilidades de

---

<sup>2</sup> Como o original foi publicado em língua russa e não há tradução oficial do governo disponível em inglês, usei a tradução mais confiável publicada por Robert Coalsen, editor do jornal Huffington Post e da Radio Free Europe

comando e controle foram fortalecidos ”(RUSKÁNOVÁ, 2017)

Figura 6

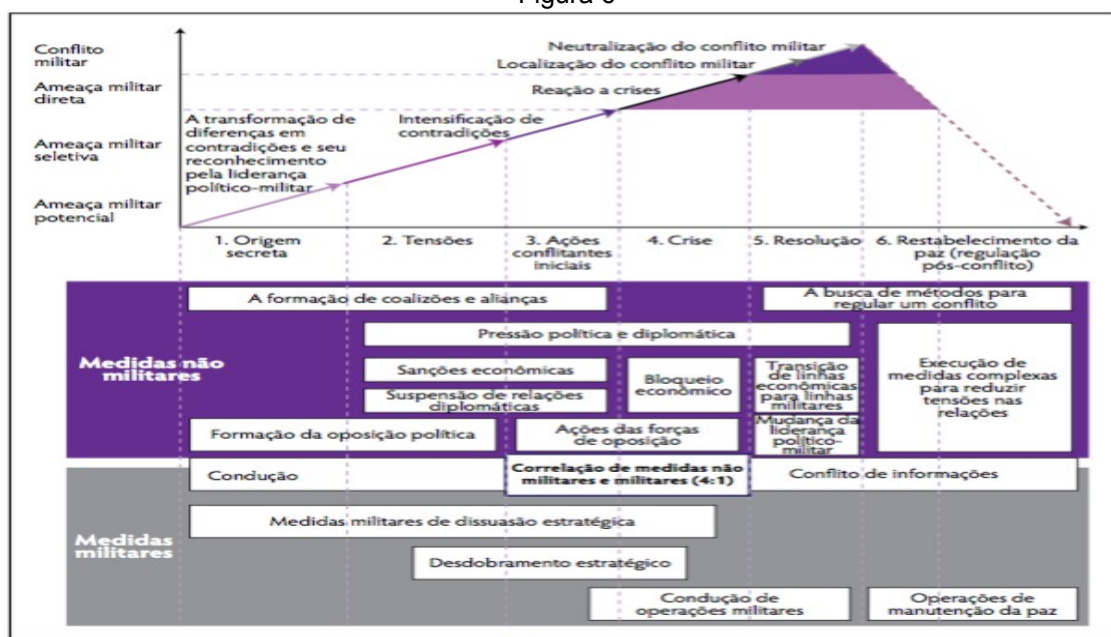


Gráfico extraído do artigo do Gen Gerasimov na publicação Voenno- Promyshlenny Kurier, 26 Fev 13 (tradução a partir da versão em inglês de Charles Bartles)

Fonte: MILITARY REVIEW: Março 2016

No final, de acordo com Gerasimov, o objetivo final das operações militares hoje em dia é "criar uma frente permanentemente operacional em todo o território do estado inimigo". As partes seguintes do artigo são dedicadas à estratégia militar russa. Ali o autor resume as experiências anteriormente adquiridas nas guerras no Afeganistão, no Norte do Cáucaso e até na Segunda Guerra Mundial. Descreve o seu estado atual e a necessidade de melhorias futuras, destacando pontos relevantes para esta tese que podem ser derivados e que adicionalmente confirmam que a guerra híbrida não é um mero mito no pensamento militar russo.

Em primeiro lugar, ele sugere que “não importa que forças o inimigo tenha, não importa quão bem desenvolvidas suas forças e meios de conflito armado possam ser, formas e métodos para superá-los podem ser encontrados ”(Gerasimov, 2013, citado por Coalson, 2014). Esta parte aparentemente refere-se à consciência da superioridade tecnológica das forças dos EUA e da OTAN sobre as forças russas. Além disso, “é necessário repensar o conteúdo das atividades estratégicas das Forças Armadas da Federação Russa” (Gerasimov, 2013). Gerasimov criticou a falta de pensamentos inovadores nas forças armadas russas em comparação com a Segunda Guerra Mundial e enfatizou a necessidade de novas idéias. Esta afirmação



basicamente insta a mudança no pensamento e na guerra militar russa em direção à atualização na época da guerra contemporânea para uma guerra mais inventiva.

A Rússia tem se debruçado sobre o tema em estudo, embora sob outra denominação, quer seja a *new generation warfare*<sup>3</sup> ou as revoluções coloridas. (LEAL, 2016). O foco deu-se nas mudanças na guerra moderna, incluindo a crescente importância da guerra da informação, bem como o surgimento de redes de comunicações globais em comando e controle e a necessidade de empregar capacidades de ataque combinadas.

A ideia de implodir um Estado via convulsão social, ainda que antes da declaração de guerra, é uma prescrição importante da metodologia da “Guerra de Nova Geração”. A esse respeito, Gerasimov considera que (...) as rígidas regras da guerra mudaram ....(assim) o foco dos métodos de conflito se alterou em direção ao amplo emprego de medidas de caráter político, econômico, informacional, humanitário e outras tipicamente não-militares ... aplicadas em coordenação com o potencial dos protestos da população alvo. Gerasimov entende que as novas tecnologias da informação permitiram que muitas dessas mudanças fossem possíveis, abrindo as portas para o amplo uso de ações assimétricas visando reduzir o potencial de combate do inimigo, particularmente por meio de “Operações de Influência” .

De acordo com o AFDD 2-5 (US Air Force Doctrine Document), “Operações de Influência” são aquelas focadas em intervir nas percepções e condutas de líderes, grupos ou populações inteiras. São empregadas habilidades para acometer ações, operações de proteção, ordens de comando e, ao mesmo tempo, lançar informações precisas para obter efeitos por todo o plano cognitivo. Esses efeitos podem resultar em ações contaminadas ou em alterações no ciclo de decisões do adversário. As competências militares das “Operações de Influência” são as Operações Psicológicas, Ações Diversionárias, Operações de Segurança, Operações de Contra Inteligência, Operações de Assuntos Cíveis e Operações de Contrapropaganda. (...) Essas atividades das “Operações de Influência” permitem ao Comando preparar e delinear o campo de batalha, transmitindo informações e indicativos selecionados para o público-alvo e configurando as percepções dos tomadores de decisão,

---

<sup>3</sup> Guerra de Nova Geração

colhendo informações amigáveis, defendendo contra sabotagem, protegendo contra a espionagem, reunindo informes e comunicando informação selecionada sobre atividades militares para a audiência global. (tradução nossa).

De acordo com Berzins, 2014, os russos adotam a ideia das “Operações de Influência” como o item mais importante dos seus planos operacionais e usam todos os níveis do poder nacional para torna-las possível. Acrescenta: Essas competências incluem proficientes comunicações internas, operações indiretas, operações psicológicas e comunicações externas eficientes. Explica que os russos (...) tem demonstrado uma compreensão inata dos alvos-chave e sua possível reação .... Armados com essas informações eles sabem o que fazer, quando fazer e que consequências poderão advir.

Ainda segundo Berzins, os russos pensam que todas essas mudanças na condução de conflitos reduziram a importância dos engajamentos diretos por grandes formações militares convencionais, os quais acreditam se tornarão gradativamente coisa do passado. No caso de ser necessário uma operação convencional para “acabar” com o inimigo, acreditam que possam ser empregadas ações do tipo standoff (impasse, tradução nossa) (i.e., fogo indireto e/ou de precisão em profundidade a partir de várias plataformas) através de todo o território de adversário. Percebem que essa mudança em direção à guerra irregular e às operações “standoff” borra o traçado entre os níveis estratégicos, operacionais e táticos do conflito, bem como entre operações ofensivas e defensivas. Essas ideias acerca do conflito futuro estão formalmente articuladas no que se conhece como as oito fases da “Guerra de Nova Geração”. Essas fases proporcionam um paradigma para compreender como os russos podem conduzir uma guerra híbrida estatal. Conforme Bërzins , são elas:

1ª Fase: adoção da guerra assimétrica não-militar (conciliando medidas diplomáticas, ideológicas, psicológicas, econômicas, de informação e midiáticas, como parte de um plano para estabelecer um clima político, econômico e militar favorável);

2ª Fase: operações especiais (específicas) são empregadas para confundir líderes políticos e militares, por meio de canais diplomáticos, mídia, e agências governamentais e militares. Isto é feito mediante a divulgação de informes, ordens,

diretivas e instruções falsas;

3ª Fase: focada na dissimulação, intimidação e ameaça de oficiais governamentais e militares, com o objetivo de fazê-los descumprir seus deveres;

4ª Fase: propaganda desestabilizadora direta e de alta intensidade para disseminar o descontentamento entre a população ampliado pela chegada de bandos de militantes russos, escalando a subversão;

5ª Fase: estabelecimento de zonas de exclusão aérea sobre o país a ser atacado, imposição de bloqueios e emprego extensivo de companhias privadas de militares em estreita cooperação com unidades armadas de oposição;

6ª Fase: esta inclui o começo da ação militar, a qual é precedida por missões de reconhecimento e subversivas em larga escala. Comporta todos os tipos, formas, métodos e forças, tais como forças especiais, equipes aerotransportadas, espaço, rádio, eletrônica, diplomática, inteligência, serviço secreto e espionagem industrial;

7ª Fase: combinação de operações de informação dirigidas de guerra eletrônica, operações aeroespaciais, operações aéreas hostis continuadas, combinadas com o emprego de armas de precisão lançadas de variadas plataformas, incluindo (artilharia de longo alcance e armas baseadas em novos princípios físicos, tais como micro-ondas, raios laser, radiação, armas biológicas não-letais); e

8ª Fase: avanço sobre os pontos de resistência remanescentes e destruição das unidades inimigas sobreviventes por operações conduzidas por unidades de reconhecimento para identificar qual unidade inimiga sobreviveu, transmitindo suas coordenadas para as unidades atacantes de artilharia e mísseis; fogo de barragem por armas avançadas será usado para submeter pontos de resistência; e a limpeza do território por forças terrestres.

Cada uma dessas fases pode ocorrer gradativa ou simultaneamente, dependendo de situação específica. De acordo com Gerasimov (cit.), essa nova doutrina manifesta-se no emprego de métodos indiretos e assimétricos, a par do manejo das tropas numa esfera informacional unificada. Se o conflito escalar, essas atividades poderão ser seguidas pelo maciço emprego de armas de alta precisão, forças de operações especiais e robótica. Se necessário, a próxima etapa poderá envolver ataques simultâneos a unidades e instalações inimigas, bem como batalha

em terra, ar, mar e no espaço informacional.

## 6. A UCRÂNIA

A Ucrânia é um país da Europa Oriental que faz fronteira com a Rússia a leste e nordeste; Bielorrússia a noroeste; Polônia, Eslováquia e Hungria a oeste; Romênia e Moldávia a sudoeste; e Mar Negro e Mar de Azov ao sul e sudeste, respectivamente. O país possui um território que compreende uma área de 603.628 quilômetros quadrados, o que o torna o maior país totalmente no continente europeu.

Figura 7



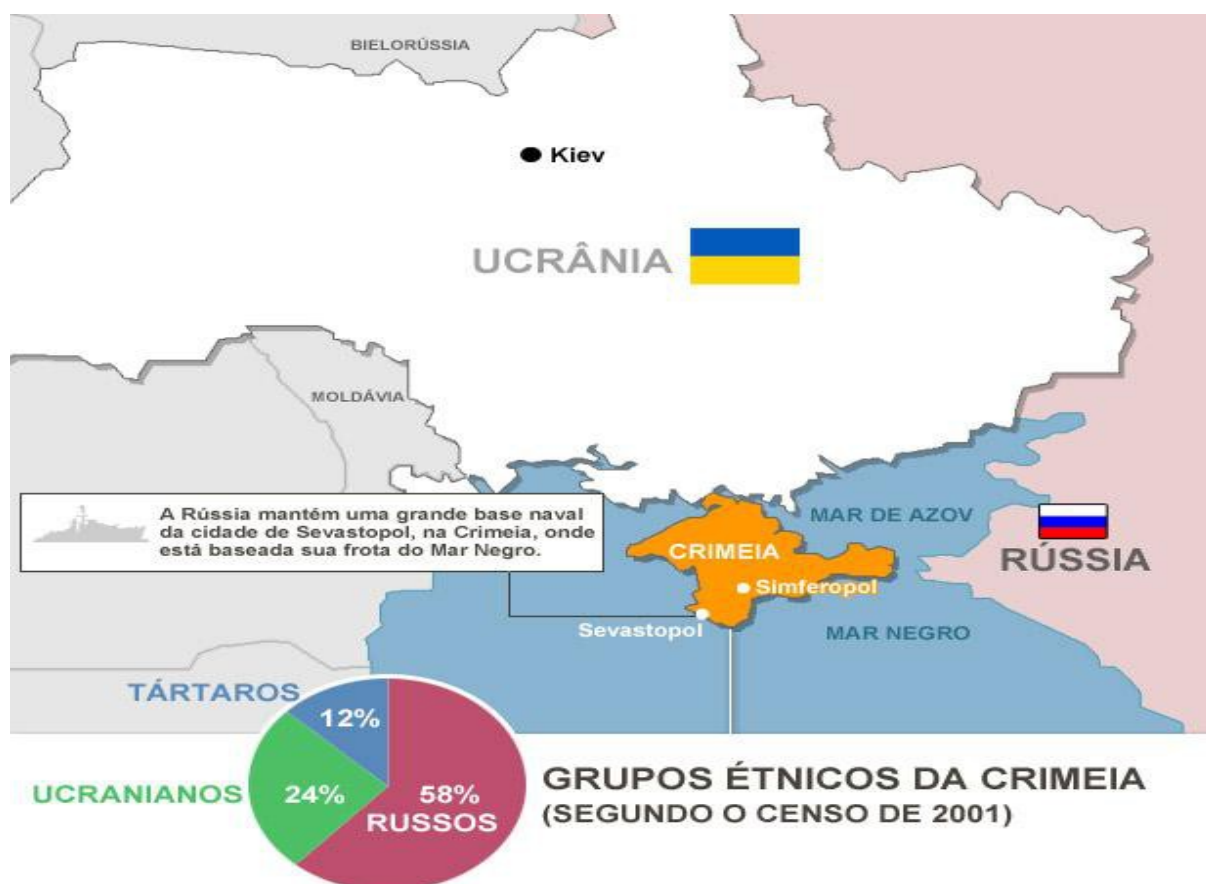
Ucrânia

Fonte: <https://www.pinterest.com/pin/402861129150804302/> (acessado em 28 ago 18)

## 6.1 A CRISE DA CRIMEIA

A Crimeia é uma província semi-autônoma da Ucrânia localizada na região sul do país, em uma península situada às margens do Mar Negro. Trata-se de uma zona que, apesar de fazer parte do território ucraniano, ainda possui fortes relações étnicas e políticas com a Rússia, sendo um dos principais entraves entre os dois países em âmbito diplomático. O principal valor estratégico da Crimeia é, sem dúvida, a sua posição geográfica. A região representa uma saída importante para o Mar Negro, que é o único porto de águas quentes da Rússia. Isso significa que essa zona possui relevância tanto em nível comercial quanto no plano militar para os russos, por facilitar a movimentação de cargas e por garantir o controle do canal que liga esse mar ao Mar de Arzov. (PENA, 2018).

Figura 8: Crimeia



Fonte: Agência Brasil (2014)

No início de 2014, a Crimeia tornou-se o foco da pior crise “Leste-Oeste” desde a Guerra Fria, depois que o presidente da Ucrânia, pró-Moscou, Viktor Yanukovich, foi retirado do poder por protestos violentos em Kiev. Essa onda de manifestações e agitação civil na Ucrânia ficou conhecida como Revolução Ucraniana, também apelidada de Maidan, por ter iniciado em praça de mesmo nome (FERNANDES, 2016).

Figura 9



Linha do Tempo Operação Russa na Crimeia  
Fonte: Miller, David B.

Os manifestantes eram contrários à decisão do então presidente Viktor Yanukovich de não assinar um acordo com a UE no final de 2013. Além disso, após a rejeição do acordo, o presidente ucraniano aceitaria um novo acordo com a Rússia, na forma de uma ajuda financeira de US\$ 15 bilhões e outros benefícios

econômicos. Com a deposição do presidente ucraniano, a Rússia passou a influenciar e intervir mais ativamente no país, efetuando uma série de incursões no seu território e aproveitando o apoio de movimentos separatistas pró-russos e anti governo na região de Donbass, de que resultou a invasão da península da Crimeia e uma guerra com o governo ucraniano. gerando um cenário de instabilidade no leste europeu (DA SILVA, 2016).

Figura 10



Praça Maidan

Fonte: <https://ukrgeographicconflict.wordpress.com/2015/03/25/geographic-conflict-in-ukraine/>  
(Acessado em 25 ago 2018)

Segundo Fernandes, 2016, o Governo central da Rússia não reconheceu governo interino da Ucrânia que se aproximou da União Europeia, intervindo mais diretamente no leste da Ucrânia, efetuando uma série de incursões no seu território e aproveitando o apoio de movimentos separatistas pró-russos e anti governo na região de Donbass. A Rússia conduziu um importante exercício militar junto à sua fronteira ocidental em fevereiro de 2014, desviando a atenção para aquilo que estava acontecendo na Crimeia. Utilizando operadores de forças especiais uniformizados sem insígnias, e que transportavam armamento e equipamento militar, conhecidos como “little green men”<sup>4</sup>, atuando como forças de segurança local, para

4 Pequenos homens verdes

conquistar e controlar instituições governamentais chaves e posteriormente segurar a região com unidades regulares, anexando formalmente a península da Crimeia. A Rússia fez também uso de unidades de forças especiais (Spetsnaz<sup>5</sup>) nas cidades e províncias da região, estabelecendo e controlando unidades insurgentes que atuavam em prol das intenções russas.

Figura 11



Os chamados “little green men” (Tropas de ocupação russas compostas por forças especiais sem insígnias de identificação e utilizando máscaras para não serem identificados, alegando ser<sup>5</sup>) forças de auto-defesa da Crimeia) durante anexação da península da Crimeia em março de 2014.

Fonte: <http://euromaidanpress.com/2018/01/12/putin-invaded-ukraine-to-prevent-ukrainian-ideas-from-spreading-into-russia-shmelyev-says/>

Ainda no tocante as ações russas na Crimeia:

Estas ações na Crimeia foram baseadas principalmente na guerra irregular, uma das componentes da guerra híbrida, caracterizada como “uma luta violenta travada entre um Estado e atores não-estatais pela legitimidade e influência sobre uma população e um território. Este tipo de conflito caracteriza-se pelas atividades predominantes serem a subversão, a contrassubversão e a existência de um ambiente que se denominou por guerra não convencional”. Foi um combate conduzido no meio da população, cuja finalidade foi esgotar o adversário, a sua vontade de combater, provocar o caos e criar um estado de insegurança tal, que permita tirar partido dessa situação criada. (FERNANDES, 2016)

Na Crimeia, o parlamento local foi tomado por um comando pró-Rússia, que

5 Designação atribuída às forças especiais russas



nomeou um novo primeiro ministro, Sergey Aksyonov, líder Partido da Unidade Russa, que aprovou sua independência e, posteriormente, a anexou à Federação Russa, mediante um referendo popular realizado em março de 2014. O Parlamento russo, por sua vez, autorizou o uso da força militar na Ucrânia para proteger os interesses de Moscou na região. Os militares ucranianos não resistiram e o presidente interino do país ordenou a retirada das tropas restantes na península. A comunidade internacional, por meio da Organização das Nações Unidas (ONU), não reconheceu a separação da Crimeia e a anexação por parte da Rússia (UKRAINE, 2018).

## 6.2 Guerra civil no Leste da Ucrânia

As forças governamentais ucranianas empreenderam uma série de ações no sentido de reassegurar o controle e contrariar os movimentos e ações insurgentes pró-russas nas províncias da região de Donbass, mas em 25 de agosto uma contraofensiva insurgente estagnou a ofensiva das forças governamentais nas cidades de Donetsk e Luhansk. No decorrer do conflito a Rússia lançou uma ofensiva militar na Crimeia, com o movimento intensivo de equipamento e forças regulares de forma discreta e encoberta, chegando mesmo a enviar um suposto “comboio humanitário” para a região de Luhansk, em agosto de 2014, sem o consentimento da Ucrânia. Posteriormente a esses fatos, foram assinados tratados de cessar-fogo entre a Ucrânia e a Rússia. Atualmente, a situação está estagnada. (NATO, 2015a, pp. 5-6).

Figura 12

## Ukraine crisis

Despite the February truce, shooting has continued near the ceasefire line in Ukraine. Russia denies providing any troops or arms to support the rebellion and accuses Kiev of violating the ceasefire.

### KEY:

#### Ceasefire withdrawal zones

(Heavy arms were cleared at these distances\* from the ceasefire line)

○ 50 km - For artillery systems of 100mm caliber or more

○ 70 km - For multiple rocket launcher systems

○ 140 km - For tactical missile systems

● Separatists' area of control as of May 14

★ Recent flashpoint\*\*

◆ Russian military presence\*\*

#### Border control

— Rebels

— Ukraine

#### Check-points control

● Russian separatists

● Ukrainian forces



Crise na Ucrânia – Zonas de retirada e cessar-fogo

Fonte: (Baczynska, 2015)

Uma análise à campanha de informação russa contra a Ucrânia conclui que: a Rússia estava preparada para conduzir uma nova forma de fazer a guerra na Ucrânia, onde a campanha de informação desempenhou um papel central, que a sua narrativa era baseada na memória histórica, que a crise na Ucrânia era o resultado de uma estratégia de longo prazo da Rússia, que a dissimulação foi usada como tática para distrair e atrasar e que as campanhas de desinformação se vão desgastando ao longo do tempo, à medida que os fatos vão sendo conhecidos (NATO StratCom COE, 2015, pp. 4-5)

Figura 13



Linha do tempo Crise na Crimeia  
Fonte: AFP

## 7. Conclusão Parcial

A tomada de território pela Rússia e a continuidade da interrupção da ordem civil ucraniana levaram muitos a sugerir que o uso de táticas híbridas representou uma nova forma de guerra altamente eficaz. A Rússia empregou e coordenou uma ampla gama de táticas para alcançar seus objetivos: de coerção política e econômica ao ex-presidente Vyktor Yanukovich pelo empréstimo de 15 Bilhões de dólares, ataques cibernéticos, desinformação e propaganda, até ações militares encobertas e evidentes, como a ação de Operadores de Forças Especiais sem insígnias na Crimeia e pelo uso de tropas regulares na península, visando a salvaguarda de nacionais russos moradores da região. Estes instrumentos foram utilizados de forma intercambiável para fomentar a agitação na Ucrânia Oriental.

O uso bem-sucedido de tecnologias modernas permitiu à Rússia explorar a dimensão informacional da guerra civil na Ucrânia. Ao espalhar propaganda e

distorcer fatos, a Rússia foi capaz de construir narrativas e realidades alternativas no ciberespaço e no terreno. Isso serviu como um multiplicador de força no conflito. A narrativa escolhida retrata a Rússia como garantidora e defensora dos direitos dos povos de língua russa e que o uso da força foi uma maneira legítima de defender seus compatriotas das atrocidades cometidas contra eles na Ucrânia. Era importante, no início da Crimeia, projetar a imagem para civis, tropas ucranianas, governo e o mundo, concluindo militar e politicamente, encorajando civis a se unirem à Rússia.

Embora a Rússia inicialmente tenha tentado fomentar a agitação nos distritos orientais de Kharkiv, Zaporizhia, Dnipropetrovsk e até mesmo a oeste de Odessa, os movimentos separatistas pró-russos só ficaram presos em Luhansk e Donetsk - ambos fazem fronteira com a Rússia. O fluxo dos combates nessas províncias dependeu, em grande parte, do grau de intervenção direta da Rússia. Também ficou claro que a capacidade da Rússia de controlar seus grupos de apoiadores à distância foi questionável; a derrubada do avião civil MH-17 por um provável míssil terra-ar BUK, fornecido pela Rússia, foi o exemplo mais trágico.

O papel de Moscou no conflito só se tornou mais evidente com o tempo. Para aumentar sua influência sobre e, como resultado, a eficiência dos grupos rebeldes pró-russos em Donetsk e Luhansk, Moscou tentou impor um controle mais direto sobre os diferentes grupos rebeldes. Para isso, foi forçado a enviar mais de suas próprias forças para ajudar as forças rebeldes no planejamento, logística e execução operacional. O aumento do papel das forças russas foi denunciado pelos Estados Unidos, pela OTAN.

## **8. CONCEITO OPERATIVO DO EXERCITO BRASILEIRO**

As experiências, colhidas nos conflitos armados/guerra das últimas décadas, indicam que os confrontos formais entre atores estatais beligerantes vêm tomando outras conformações. Outras variáveis tem sido agregadas à forma de soluções de antagonismos, dando origem a novos paradigmas de combate. Ainda assim, apesar das mudanças observadas na arte da guerra, mesmo que ocorram assimetrias, os conflitos permanecem marcados pelo emprego da violência. (BRASIL, 2014).

Nesse contexto, o Exército Brasileiro deve estar apto a conduzir, com legitimidade e empregando o uso controlado da força, operações militares em qualquer ponto do espectro dos conflitos – desde a paz estável, até o conflito armado/guerra – para contribuir de forma decisiva para a prevenção de ameaças, no gerenciamento de crises e/ou na solução de conflitos nacionais ou internacionais, de qualquer natureza e intensidade. (BRASIL, 2014).

Conforme escrito no manual de Doutrina Militar Terrestre (BRASIL, 2014), a guerra é o conflito no seu grau máximo de violência. Em função da magnitude do conflito, pode implicar a mobilização de todo o Poder Nacional, com predominância da expressão militar, para impor a vontade de um outro ator no outro. No sentido clássico, caracteriza um conflito, normalmente entre estados, envolvendo o emprego de suas forças armadas. Desencadeia-se de forma declarada e de acordo com o Direito Internacional.

Alinhado com a PND e a END e a necessidade premente de desenvolver capacidades completas, o Exército Brasileiro passa a adotar a geração de forças por meio do Planejamento Baseado em Capacidades (PBC). Desse modo, o desenvolvimento de capacidades, orientado pelos diplomas legais brasileiros, é baseado na análise da conjuntura e em cenários prospectivos, com o objetivo de identificar as ameaças concretas e potenciais ao Estado e interesses nacionais. (BRASIL, 2014a, p.3-3).

Capacidade é a aptidão requerida a uma força ou organização militar, para que possa cumprir determinada missão ou tarefa. É obtida a partir de um conjunto de sete fatores determinantes, inter-relacionados e indissociáveis: Doutrina, Organização (e/ou processos), Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura – que formam o acrônimo DOAMEPI. Para que as unidades atinjam o nível máximo de prontidão operativa, é necessário que possuam as capacidades que lhes são requeridas na sua plenitude. (BRASIL, 2014a, p.3-3)

Com a finalidade de obter eficácia e efetividade organizacional, o Exército Brasileiro, implementou as Operações no Amplo Espectro como o seu conceito operativo. Nesse cenário, o Espectro dos Conflitos representa uma escala na qual se visualizam os diferentes graus de violência politicamente motivada. (BRASIL, 2014).

A Concepção Estratégica do Exército, dentro do Sistema de Planejamento do Exército de 2017 (SIPLEX), prevê que o Exército Brasileiro deve estar preparado e,

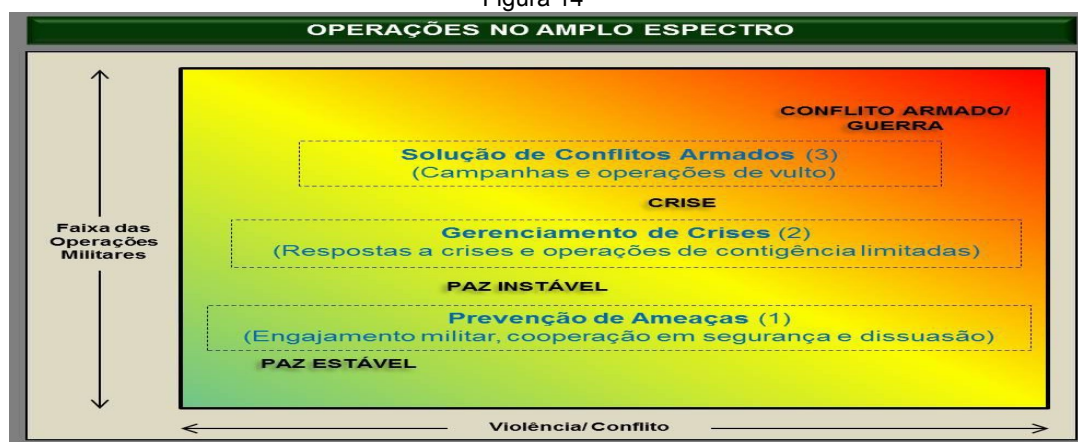
ainda, ratifica os tipos de operações que podem ser executadas pela Força Terrestre para atender todas as Hipóteses de Emprego.

Conforme a nova Doutrina Militar Terrestre, as Operações de Amplo Espectro “são sublinhadas pela combinação, simultânea ou sucessiva, de operações em atitude ofensiva, defensiva, operações de pacificação e/ou de apoio a órgãos governamentais, como emprego de um conjunto interdependente de forças capazes de explorar a iniciativa, aceitar riscos e criar oportunidades para alcançar resultados decisivos”. A irrefutável realidade, sobejamente evidenciada no cotidiano, indica a premente necessidade de uma Força Terrestre da Era do Conhecimento, a qual deve ser dotada de armamentos e de equipamentos com tecnologia agregada, sustentada por uma doutrina em constante evolução e integrada por recursos humanos altamente treinados e motivados. (BRASIL, 2017)

Para isso, baseia sua organização em estruturas com as características de **flexibilidade, adaptabilidade, modularidade, elasticidade e sustentabilidade**, (FAMES) que permitem alcançar resultados decisivos nas Operações no Amplo Espectro, com prontidão operativa, e com capacidade de emprego do poder militar de forma gradual e proporcional à ameaça. (BRASIL, 2017)

O conflito armado é amplamente entendido como o recurso utilizado por grupos politicamente organizados que empregam a violência armada para solucionar controvérsias ou impor sua vontade a outrem. É o resultado final indesejável de uma crise, significando que a manobra de crise não obteve sucesso.

Figura 14



Espectro dos conflitos

Fonte: Brasil (2014a. p.4-2).

De acordo com o Glossário das Forças Armadas, o termo Guerra tem o

seguinte significado: “Conflito no seu grau máximo de violência. Em função da magnitude do conflito, pode implicar a mobilização de todo o Poder Nacional, com predominância da expressão militar, para impor a vontade de um ator ao outro. 2. No sentido clássico, caracteriza um conflito, normalmente entre Estados, envolvendo o emprego de suas forças armadas. Desencadeia-se de forma declarada e de acordo com o Direito Internacional”. (BRASIL, 2007b, p. 122)

Ainda segundo esse manual, temos o seguinte significado para Guerra Assimétrica:

GUERRA ASSIMÉTRICA – 1. Conflito caracterizado pelo emprego de meios não convencionais contra o oponente, normalmente pela parte que se encontra muito inferiorizada em meios de combate. 2. Conflito armado que contrapõe dois poderes militares que guardam entre si marcantes diferenças de capacidades e possibilidades. Trata-se de enfrentamento entre um determinado partido e outro com esmagadora superioridade de poder militar sobre o primeiro. Neste caso, normalmente o partido mais fraco adota majoritariamente técnicas, táticas e procedimentos típicos da guerra irregular. (BRASIL, 2007b, p. 123)

O ambiente complexo em que atua a Força Terrestre Componente (FTC) possui uma multiplicidade de atores que, de forma integrada e em determinadas condições, podem constituir uma ameaça híbrida. Esse tipo de ameaça é a reunião dinâmica, ainda que diversa, de forças regulares e irregulares, que buscam atingir efeitos que lhes beneficiem mutuamente. Esse tipo de ameaça pode incluir células terroristas e/ou criminosos, em alguns casos. (BRASIL, 2014a, p. 7-5)

O Ambiente Operacional é caracterizado pela existência de três dimensões – física, humana e informacional – cujos fatores a serem analisados interagem entre si, formando o seu caráter único e indivisível. Sua compreensão constitui uma condição fundamental para o êxito nas operações militares. Tradicionalmente, o foco da análise do Ambiente Operacional era centrado na dimensão física, considerando a preponderância dos fatores terreno e condições meteorológicas sobre as operações. As variações no caráter e na natureza do conflito, resultantes das mudanças tecnológicas e sociais, impõem uma visão que também considere as influências das dimensões humana e informacional sobre as operações militares e vice-versa. (BRASIL, 2014b)

Figura 15



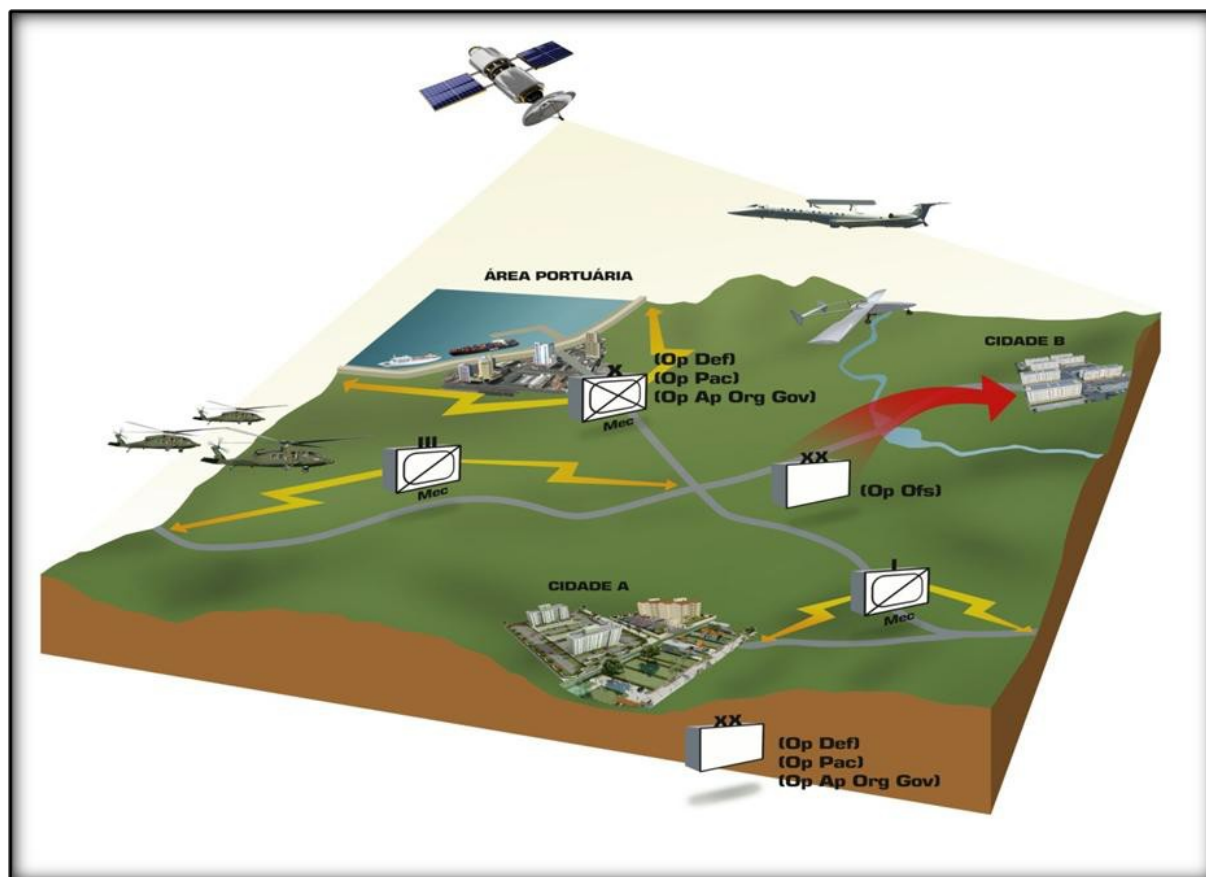
Dimensões do Ambiente Operacional  
FONTE: BRASIL 2014b, pag 2-2

Nessas circunstâncias, o próprio Manual de Operações (BRASIL, 2014b), afirma que os conflitos contemporâneos têm apresentado características que os distinguem dos tradicionais, aproximando-os de enfrentamentos entre Forças Armadas de um Estado e ameaças híbridas. Segundo o manual tais ameaças híbridas são “atores não estatais providos de armas sofisticadas (incluindo meios convencionais) e que possuem capacidades e utilizam Táticas Técnicas e Procedimentos (TTP), próprios das guerras irregulares”.

Esse conceito, operações no amplo espectro, interpreta a atuação dos elementos da Força Terrestre para obter e manter resultados decisivos nas operações, mediante a combinação de Operações Ofensivas, Defensivas e de Cooperação e Coordenação com Agências, simultânea ou sucessivamente, prevenindo ameaças, gerenciando crises e solucionando conflitos armados, em situações de Guerra e de Não Guerra (BRASIL, 2014a).



Figura 16



Combinação de atitudes e tarefas (Ofs, Def, Pac e de Ap Org Gov)

Fonte: Brasil (2014b).

A Força Terrestre, como instrumento de defesa dos interesses nacionais de preservação da soberania e integridade territorial do Estado brasileiro, depara-se com um ambiente operacional caracterizado pela complexidade, volatilidade, incertezas e ambiguidades. Nesse sentido, os comandantes dos elementos da F Ter de todos os níveis, se esforçam para entender, visualizar e descrever esse cenário de caráter paradoxal e caótico. Para tal, se veem diante da necessidade de dispor de metodologias para solucionar os problemas militares que contemplem tais desafios. (BRASIL, 2014c)

Esse ambiente operacional complexo conduziu os conflitos para um Espaço de Batalha mais amplo e que envolve a inserção de novos atores, estatais e não estatais, que interagem entre si e com o ambiente. Em consequência, os conflitos têm apresentado novas características que dificultam a formulação de solução para o problema: a não linearidade no confronto entre os oponentes, cuja solução se

prolonga no tempo; a importância das considerações civis, tendo o terreno humano como um dos fatores preponderantes no processo decisório; e o surgimento de ameaças híbridas, desafiando os planejadores em outras dimensões que não a física. (BRASIL, 2014c).

Uma criteriosa análise prospectiva de cenários orienta o esforço de transformação de Exércitos contemporâneos para enfrentar os desafios que se apresentam no ambiente operacional da Era do Conhecimento. Normalmente, a combinação de capacidades já geradas em sua plenitude é a forma com maior chance de êxito, ao prover meios de alta qualidade necessários ao cumprimento de missões e tarefas requeridas em cada faixa do espectro dos conflitos. (BRASIL, 2014b).

Dessa análise, sobressaem algumas características do ambiente operacional contemporâneo que têm sido determinantes na definição de capacidades das forças militares na atualidade. Essas características estão discriminadas a seguir:

- a) o caráter difuso das ameaças, concretas e potenciais;
- b) as ameaças híbridas – atores não estatais providos de armas sofisticadas;
- c) a dificuldade de caracterizar o oponente no seio da população;
- d) a prevalência dos enfrentamentos, de forma crescente, ocorrerem em áreas humanizadas – com a presença de civis, contra civis e em defesa de civis;
- e) a proliferação das novas tecnologias, permitindo que indivíduos ou grupos não estatais disponham desse meio e o utilize como arma;
- f) a dificuldade de definição de linhas de contato entre os beligerantes;
- g) a restrição de recursos para assuntos de defesa;
- h) a necessidade de envolver todas as capacidades de governo na prevenção de ameaças, no gerenciamento de crises e/ou na solução de conflitos armados;
- i) a consciência de que forças militares “de per si” não solucionam os conflitos;
- j) baixa aceitação junto à opinião pública (nacional e internacional) do emprego da força;
- k) a preponderância de guerras de coalizão;
- l) o achatamento dos níveis decisórios;
- m) o caráter intemporal dos conflitos, pela ausência de batalhas decisivas no nível operacional, quando se busca a destruição da maioria de meios do oponente

concentrado para combater;

n) a diminuição da importância da manutenção do terreno nas operações militares, e, em contrapartida, a valorização crescente da conquista de objetivos relacionados aos “corações e mentes”, ou seja, os acidentes capitais do terreno físico têm perdido relevância diante da preponderância do “terreno humano”;

o) o advento de importantes tecnologias de aplicação militar, influenciando diretamente não só na forma de combate, mas no tempo com que os principais enfrentamentos são decididos;

p) o emprego dos meios cibernéticos, informacionais e sociais como instrumentos de guerra, fragilizando as fronteiras geográficas;

q) utilização da informação como arma, afetando diretamente o poder de combate dos beligerantes;

r) a visibilidade imposta pela mídia instantânea no espaço de batalha;

s) a importância da opinião pública e necessidade de informar e influenciar públicos específicos, em apoio às operações militares (controlar a narrativa).

t) a relevância do terreno humano no destino dos conflitos;

u) valorização das questões humanitárias e do meio ambiente conjugadas com a exacerbação da defesa de minorias;

v) a rapidez na evolução da situação; e

x) o ambiente interagências das operações. (BRASIL, 2014b).

O ambiente estratégico global tem demonstrado que a maioria das ameaças contemporâneas tem suas origens em uma união de fatores conjunturais locais, nacionais e/ou internacionais. Estão relacionados, com frequência, ao crescimento populacional e ao controle de recursos naturais e são conjugados à proliferação de tecnologias – incluindo às relacionadas a armas e agentes de destruição em massa –, ao terrorismo transnacional, ao narcotráfico, à degradação ambiental e à migração massiva. (BRASIL, 2014b).

Nessas condições, redes criminosas transnacionais e grupos extremistas encontram campo fértil, explorando a instabilidade de Estados em processo de consolidação e com problemas de governabilidade. A violência politicamente motivada tende a assumir novas e mais complexas formas. (BRASIL, 2014b).

Nessas condições, redes criminosas transnacionais e grupos extremistas

encontram campo fértil, explorando a instabilidade de Estados em processo de consolidação e com problemas de governabilidade. A violência politicamente motivada tende a assumir novas e mais complexas formas. (BRASIL, 2014b).

## 9. CONCLUSÃO

Analisando o conflito da Ucrânia, o presente trabalho procurou debater a estratégia de emprego da Guerra Híbrida, seu conceito, particularidades e características além de identificar possíveis desafios para o Exército Brasileiro na hipótese de ocorrência desse tipo de conflito.

Os eventos na Ucrânia trouxeram uma nova forma de combater. Independentemente da forma que seja classificada, seja Guerra Híbrida, Guerra Irrestrita, Guerra Composta, Nova Guerra ou qualquer outra denominação, o fato é que as ferramentas utilizadas pela Rússia criaram uma forma bastante eficaz de lutar em um ambiente de amplo espectro. Ao utilizar uma variada gama de estratégias contra seus adversários, a Rússia soube potencializar todas as facilidades desse ambiente, atuando com atores estatais e não-estatais, grupos criminosos, forças convencionais ou não-convencionais e a diplomacia para levar a confusão e instabilidade ao Estado-alvo, dificultando a tomada de decisão. (PINHO, 2016, p. 82)

Constatamos que a forma de conflito conduzida pela Rússia na campanha da Ucrânia foi caracterizada pela existência de um conjunto de ações e estratégias típicas de uma guerra híbrida, apresentando-se como uma das maiores ameaças e desafios à segurança e defesa no futuro. Estas ameaças buscam atingir as vulnerabilidades dos Estados mais frágeis, sem utilizar de forma direta os meios militares, realizando ações de agitação social interna e disputas territoriais, apoiadas por fortes campanhas de informação com uma narrativa eficaz. Estas ameaças híbridas, como demonstrado na intervenção na Ucrânia, atuaram no limiar da legalidade e legitimidade.

As estratégias de combate aplicadas pela Rússia na Ucrânia ficaram evidenciadas pela mescla de diversas capacidades, como a utilização do poder diplomático, econômico e militar, a fim de atingir seus objetivos. Fornecendo meios

convencionais modernos para os grupos separatistas pró-Rússia, para serem utilizados de forma não convencional, por meio de táticas, técnicas e procedimentos de guerrilha, além do emprego de tropas de operações especiais infiltradas no território Ucrâniano, visando atuar no meio da população, executando operações de informação e psicológicas, com a finalidade de buscar legitimidade das ações Russas. Pelo uso de meios cibernéticos, empregou propaganda desestabilizadora direta e de alta intensidade para disseminar o descontentamento entre a população e influenciar a opinião pública para suas operações. Essas ações ocorreram de forma gradativa ou simultânea, de acordo com cada efeito desejado.

A abordagem híbrida utilizada na Crimeia surpreendeu os analistas ocidentais que ainda encaravam a Rússia como militarmente desatualizada e presa na Guerra Fria. O uso das ferramentas não militares e a preponderância das informações descortinaram uma nova arte da guerra, abrindo caminho para novas implicações no combate em caso de uma abordagem mais hostil por parte dos russos, segundo conclusões de Renz e Smith (2016).

Diante do cenário anteriormente descrito, cabe o questionamento acerca de capacidades requeridas do Exército Brasileiro para que elas tenham seu êxito assegurado nos campos de batalha do século XXI. Apesar da visão ortodoxa que tradicionalmente possuem dos conflitos armados, na era da informação, as organizações militares devem se mostrar aptas a:

- formular estratégias que contemplem igualmente o uso de meios não militares;
- desenvolver ações integradas e sinérgicas nas dimensões física, humana e informacional;
- combinar alternativas letais e não letais para se alcançar o estado final desejado;
- aplicar de forma precisa e eficaz o poder de combate, com maior controle de danos e redução dos efeitos colaterais;
- oferecer respostas ágeis e flexíveis em ambientes em constante mutação;
- agregar valor psicológico às ações de combate;
- interagir com a mídia, organismos de defesa dos direitos humanos, organizações não governamentais e outras agências estatais presentes no interior da área de operações; e

- fazer hábil uso dos instrumentos jurídicos que lhe estão disponíveis, a fim de assegurar a legitimidade do uso da força. (VISACRO, 2018)

Desde que percebeu a evolução no cenário global, o Exército Brasileiro (EB) entendeu que era essencial realizar a atualização da matriz doutrinária utilizada pela Força Terrestre. Nesse sentido, a partir do final de 2013, foi realizado esforço na produção de manuais que incluíssem a complexidade do ambiente operacional moderno. O objetivo era claro: proporcionar ferramentas para que o Exército atuasse contra ameaças de diferentes matizes em um ambiente operacional de amplo espectro.

Até 2022, o Processo de Transformação do Exército chegará a uma NOVA DOCTRINA - com o emprego de produtos de defesa tecnologicamente avançados, profissionais altamente capacitados e motivados - para que o Exército enfrente, com os meios adequados, os desafios do século XXI, respaldando as decisões soberanas do Brasil no cenário internacional. (BRASIL, 2017).

A materialização desta nova doutrina será a Força Terrestre 2022 (FT 22), integrada ao Sistema Operacional Militar Terrestre (SISOMT) e representada por uma parcela da Força Terrestre transformada, apta a atender às missões assinaladas pelo Estado Brasileiro, externa ou internamente. O módulo inicial da FT 22 será a Brigada Braço Forte (BBF), GU integrada por tropas tecnológica e doutrinariamente avançadas, que servirá de modelo para a expansão da FT 22 até os níveis determinados pela missão da Força, em 2035, a FT 35. A fase FT 22 / BBF será regulada por diretriz específica e terá seu início em 2016. (BRASIL, 2017).

Notadamente, os manuais da Doutrina Militar Terrestre (DMT), de Operações, da FTC e o da FTC em Operações trouxeram esses conceitos e essas preocupações, inserindo as características e as ameaças do amplo espectro nos planejamentos do EB.

Dessa forma, a Força Terrestre, por meio de uma atualização doutrinária constante, pela modernização tecnológica de seus produtos de defesa e pela moderna e eficiente formação de seus quadros, busca obter novas capacidades a fim de vencer desafios impostos por um possível adversário que possa empregar a Guerra Híbrida.

Por fim, a evolução da forma de se fazer Guerra, denominada Guerra Híbrida, tem sido cada vez mais observada no conflitos modernos, crescendo de importância seu estudo, a fim de se desenvolver uma doutrina adaptada as capacidades do Exército Brasileiro, para que se esteja apto a proteger-se face ao emprego dessa doutrina.

## 5.REFERÊNCIAS

BACZYNSKA, G., 2015. Business Insider; Military & Defense. Disponível em: [http://www.businessinsider.com/putin-just-made-russian-casualties-in-ukraine-officiallysecret-](http://www.businessinsider.com/putin-just-made-russian-casualties-in-ukraine-officiallysecret-2015-5) 2015-5. Acesso em 27 ago 2018.

BARROSO, Luís Fernando M. (2007). *Israelitas vs Hezbollah : A Guerra de 4ª Geração*. Lisboa: Jornal do Exército, Nº562, maio, p. 12-21.

BARTLES, CHARLES K. **Para entender Gerasimov**. Military Review, Fort Leavenworth, Kansas, Edição Brasileira, mar. – abr. 2016.

BERZINS, J. 2014. Russia's New Generation Warfare in Ukraine: Implications for Latvian Defense Policy. Disponível em <http://www.sldinfo.com/wp-content/uploads/2014/05/New-Generation-Warfare.pdf>. Acesso em 28 ago 2018

BLUM, R., Zouganeli, E., Rao, S. & Elcheikh, S., 2015. Academia. Disponível em: [http://www.academia.edu/11044703/THE\\_FUTURE\\_OF\\_NATO\\_IN\\_THE\\_FACE\\_OF\\_HYBRID\\_THREATS](http://www.academia.edu/11044703/THE_FUTURE_OF_NATO_IN_THE_FACE_OF_HYBRID_THREATS) acessado em 28 ago 2018.

BOOT, Max. **Countering Hybrid Warfare**. Armed Conflicts Survey, chapter 1, part I, p. 11-20. London: IISS, 2015. Disponível em: <https://www.iiss.org/publications/acs/by%20year/armedconflict-survey-2015-46e5/acs-2015-03-essays-f813>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

BOWERS, Christopher O. Como Identificar Adversários Híbridos Emergentes.

Military Review. Jan-Fev 2014.

BRASIL. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. **Manual Escolar Formatação de Trabalhos Acadêmicos**: ME 21-253. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ, 2017.

\_\_\_\_\_. Exército Brasileiro. **Doutrina Militar Terrestre**: EB20-MF10.102. 1a ed. Brasília: Estado-Maior do Exército, 2014a.

\_\_\_\_\_. Exército Brasileiro. Estado-Maior. **Abreviaturas, Símbolos e Convenções Cartográficas**: C 21-30. 4. ed. Brasília, DF, 2002.

\_\_\_\_\_. Exército Brasileiro. Estado-Maior. **O Processo de Transformação do Exército**. 3. ed. Brasília, DF, 2010.

\_\_\_\_\_. Exército Brasileiro. **Operações**: EB20-MF10.103. 1a ed. Brasília: Estado-Maior do Exército, 2014b.

\_\_\_\_\_. Exército Brasileiro. **Plano Estratégico do Exército**. 2016-2019 (PEEx 2016-2019/3ª Edição-2017). Brasília, 2017

\_\_\_\_\_. Exército Brasileiro. **Processo de Planejamento e a Condução das Operações Terrestres**: EB20-MC10.211. 1a ed. Brasília: Estado-Maior do Exército, 2014c.

\_\_\_\_\_. Exército Brasileiro. **Sistema de Planejamento do Exército 5**. Brasília: Estado-Maior do Exército, 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Defesa.: **Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas**: MD 33-M-02. 3. ed. Brasília, DF, 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas**: MD 35-G-01. 4. ed.



Brasília, DF, 2007.

BREEDLOVE, Philip. ed. Northampton: IHS Jane's Defence Weekly, 15 abr. 2015. p. 34. volume 52. EUA. **National Military Strategy**. Washington, 2015. Disponível em <<http://acqnotes.com/acqnote/acquisitions/national-military-strategy-nms>>. Acesso em 3 ago. 2018.

COALSON, R. (2014). *Top Russian General Lays Bare Putin's Plan for Ukraine*. Retrieved 24 January, 2016, from [http://www.huffingtonpost.com/robert-coalson/valery-gerasimov-putin-ukraine\\_b\\_5748480.html](http://www.huffingtonpost.com/robert-coalson/valery-gerasimov-putin-ukraine_b_5748480.html). . Acesso em: 25 ago. 2018

COVINGTON, S., 2016. The Culture of Strategic Thought Behind Russia's Modern Approaches to Warfare. Belfer Center for Science and International Affairs. Disponível em [http://belfercenter.ksg.harvard.edu/publication/26986/culture\\_of\\_strategic\\_thought\\_behind\\_russias\\_modern\\_approaches\\_to\\_warfare.html](http://belfercenter.ksg.harvard.edu/publication/26986/culture_of_strategic_thought_behind_russias_modern_approaches_to_warfare.html) acessado em 28 ago 2018.

DAVIS Jr., J. R., 2015. Continued Evolution of Hybrid Threats. The Russian Hybrid Threat Construct and the Need for Innovation. The Three Swords Magazine, issue NO. 28, 05, pp. 19-25.

DE ARAÚJO, M. L. A. **Operações no Amplo Espectro**: novo paradigma do espaço de batalha. Revista do Exército Brasileiro. Brasília, ano 001, ed. 001, jan. a mar. 2013. Disponível em: <[http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php?option=com\\_wrapper&view=wrapper&Itemid=1196](http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=1196)>. Acesso em: 15 mar. 2018.

DE PINHO, A. P. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. **A Guerra Híbrida e os Reflexos para o Exército Brasileiro**. PADECEME. v. 8 n. 17 p. 01-109. Rio de Janeiro, Fev. 2016.

DOMINGUES, C. A.; NEVES, E. B. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**. Rio de Janeiro: EB/CEP, 2007.

EISSA, Sergio G. **Guerra híbrida: ¿una nueva forma de pensar la guerra en el**

**siglo XXI?**. Buenos Aires: Universidad Nacional de San Martín, 2009. Disponível em: <<http://caei.com.ar/working-paper/guerra-h%C3%ADbrida-%C2%BFuna-nueva-forma-de-pensar-la-guerra-en-el-siglo-xxi>> Acesso em: 20 fev. 2018.

EUA. Department of the Army. **ADP 3-0: Unified Land Operations**. Washington, DC, 10 Oct. 2011.

\_\_\_\_\_. Department of the Army. **ADRP 3-0: Unified Land Operations**. Washington, DC, 16 May. 2012.

\_\_\_\_\_. Department of Defense. **Dictionary of Military and Associated Terms**. 12 April 2001. (As Amended Through 15 February 2016). Disponível em: <[https://fas.org/irp/doddir/dod/jp1\\_02.pdf](https://fas.org/irp/doddir/dod/jp1_02.pdf)>. Acesso 19 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. United States Air Force. AFDD 2-5 (US Air Force Doctrine Document) **Information Operations**. Washington DC, 11 Jan 2005. Disponível em <http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/b311353.pdf>. Acesso em 28 ago 2018.

\_\_\_\_\_. Government Accountability Office (GAO). **Hybrid Warfare**: GAO-10-1036R. 2010. Disponível em: <<http://www.gao.gov/new.items/d101036r.pdf>> Acesso em: 19 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Joint Chiefs of Staff. **National Military Strategy**. Washington, 2015. Disponível em: <<http://acqnotes.com/acqnote/acquisitions/national-military-strategy-nms>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

FERNANDES, H., 2016. As Novas Guerras: O Desafio da Guerra Híbrida . Revista de Ciências Militares, novembro de 2016 IV (2), pp. 13-40. Disponível em: <http://www.iesm.pt/cisdi/index.php/publicacoes/revista-de-ciencias-militares/edicoes>.

FLEMING, Brian P. **The Hybrid Threat Conflict**: Contemporary War, Military Planning and the Advent of Unrestricted Operational Art. School of Advanced Military

Studies. United States Army Commandant General Staff College, Kansas. 2011. Disponível em: <<https://www.hsdl.org/?view&did=700828>>. Acesso em: 7 abr. 2018.

GAPO, Gustavo Ferreira, 2011. As Guerras de Quarta Geração. Trabalho de Investigação Individual, do Curso de Estado-Maior Conjunto do Instituto de Estudos Superiores Militares. Lisboa, Portugal, 2011.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de Pesquisa, UFRGS, Porto Alegre, 2009

GUINDO, Miguel García; MARTÍNEZ, Gabriel; GONZÁLEZ, Valera. **La Guerra Híbrida**: nociones preliminares y su repercusión en el planeamiento de los países y organizaciones occidentales. Granada: Instituto Español de Estudios Estratégicos, 2015. Disponível em [http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs\\_trabajo/2015/DIEEET022015\\_La Guerra Híbrida Guindo Mtz\\_Glez.pdf](http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_trabajo/2015/DIEEET022015_La_Guerra_Híbrida_Guindo_Mtz_Glez.pdf)>. Acesso em: 15 mar 2018.

HOFFMANN, F. G. **Conflict in the 21st Century**: The Rise of Hybrid Wars, Potomac Institute for Policy Studies, Arlington, Virginia, Dec 2007.

HUBBER, Thomas. **Compound Warfare**: That Fatal Knot. U.S. Army Command and General Staff College Press. Leavenworth, Kansas, 2002.

JOHNSON, David E. **Military Capabilities for Hybrid War** Insights from the Israel Defense Forces in Lebanon and Gaza. RAND Corporation, 2010.

JOSAN, A., VOICU, C. (2015). **Hybrid Wars in the Age of Asymmetric Conflicts**. *Review of the Air Force Academy*, 28(1), 49-52. Acessado em 2 Setembro, 2018, disponível em [http://www.afahc.ro/ro/revista/2015\\_1/49.pdf](http://www.afahc.ro/ro/revista/2015_1/49.pdf)

KARBER, Phillip. The Russian Military Forum: Russia's Hybrid War Campaign: Implications for Ukraine and Beyond. Center for Strategic and International Studies.

KASAPOGLU C., 2015. NATO Defense College. [Online] disponível em:

<http://www.ndc.nato.int/news/news.php?icode=877> . Acesso em 23 09 2018.

KOFMAN, M; ROJANSKY M. **A closer look at “Russia's Hybrid War”**. The Wilson Center. Washington, DC, abril 2015.

LEAL, Paulo César. **A Guerra Híbrida: Reflexos para o Sistema de Defesa do Brasil**. EME, Centro de Estudos Estratégicos. Informativo nº 06/2015, Informe Estratégico. Brasília, 2015.

LIANG, Q.; XIANGSUI, W. **Unrestricted Warfare**. PLA Literature and Arts Publishing House. Beijing, China, 1999.

LIND, William S.; et al. **The Changing Face of War: Into the Fourth Generation**. Marine Corps Gazette, Quantico, Virginia, 1989.

LIND, William S. **Compreendendo a guerra de quarta geração**. Military Review, Fort Leavenworth, Kansas, Edição Brasileira, jan. – fev. 2005.

MATTIS, J. N.; HOFFMAN, F. **Future Warfare: The Rise of Hybrid Warfare**. U.S. Naval Institute Proceedings. p. 30-32. Annapolis, 2005. Disponível em: <http://milnewstbay.pbworks.com/f/MattisFourBlockWarUSNINov2005.pdf> Acesso em 20 mar. 2018.

MUNICH Security Conference Foundation. The Munich Security Report 2015. M u n i c h e , 2 0 1 5 . Disponível: <http://www.eventanizer.com/MSC2015/MunichSecurityReport2015.pdf> Acesso em: 15 mar. 2018.

NATO, 2015a. Hybrid Warfare: NATO's New Strategic Challenge?, Brussels: NATO Parliamentary Assembly.

O T A N . **Hybrid War – Does it even exist?** Disponível em: <

<http://www.nato.int/docu/review/2015/Also-in-2015/hybrid-modern-future-warfare-russia-ukraine/EN/>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

PENA, Rodolfo F. Alves. "A importância estratégica da Crimeia"; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/a-importancia-estrategica-crimea.htm>>. Acesso em 07 de outubro de 2018.

PINHEIRO, Álvaro de Souza, 2010. O Conflito de 4ª Geração e as Forças de Operações Especiais do Brasil. *A Nova Ordem Mundial*. Mama Sumae. Revista da Associação de Comandos, N.º 71, II Série, Jan-Jun, p. 66-70.

PINHO, Alessandro Paiva de, A Guerra Híbrida e os reflexos para o Exército Brasileiro. *PADECEME*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 17, p. 071-083, 02/2016

RENZ, Bettina; SMITH, Hanna. Russia and Hybrid Warfare - going beyond the label. *Aleksanteri Papers*. Finlândia. 1/2016.

RUSNÁKOVÁ, Sona. Russian New Art of Hybrid Warfare in Ukraine. *Slovak Journal of Political Sciences*, Volume 17, 2017, No. 3 - 4

SMITH, Ruppert . **A Utilidade da Força – A Arte da Guerra No Mundo Moderno**. Edições 70. Lisboa, Portugal, 2005.

TRINDADE, Valério Stumpf. **Cenários, Operações no Amplo Espectro e Brigadas de Cavalaria Mecanizadas**. Brasília: DefesaNet, 2014. Disponível em <<http://www.defesanet.com.br/doutrina/noticia/13757/Cenarios--Operacoes-no-Amplo-Espectro-e-Brigadas-de-Cavalaria-Mecanizadas/>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

UKRAINE. Encyclopedia Britannica, Europe, 21 de setembro de 2018, <https://www.britannica.com/place/Ukraine/The-Maidan-protest-movement>. Acesso em 29 de setembro de 2018.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 287 p.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular - Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

VISACRO, Alessandro. **A guerra na Era da Informação**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

\_\_\_\_\_. **O Desafio da Transformação**. Military Review, Fort Leavenworth, Kansas, Edição Brasileira, mar. – abr. 2011.